

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS: LINGUA E LITERATURA JAPONESA

LUCAS AKIRA YASSUI

**CRENÇAS A RESPEITO DAS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DOS *KANJI*
DA LÍNGUA JAPONESA**

Brasília

2015

LUCAS AKIRA YASSUI

**CRENÇAS A RESPEITO DAS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DOS *KANJI*
DA LÍNGUA JAPONESA**

Monografia apresentada ao Departamento de
Línguas Estrangeiras e Tradução para obtenção
do grau de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai

Brasília

2015

LUCAS AKIRA YASSUI

**CRENÇAS A RESPEITO DAS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DOS *KANJI*
DA LÍNGUA JAPONESA**

Monografia apresentada ao Departamento de
Línguas Estrangeiras e Tradução para obtenção
do grau de Licenciatura em Letras.

LUCAS AKIRA YASSUI

**CRENÇAS A RESPEITO DAS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM DOS *KANJI*
DA LÍNGUA JAPONESA**

Aprovado com louvor e distinção em 19 de junho de 2015

Monografia apresentada ao Departamento de
Línguas Estrangeiras e Tradução para obtenção
do grau de Licenciatura em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Yûki Mukai – Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Ms. Kimiko Uchigasaki Pinheiro – Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Saori Nishihata – Universidade de Brasília (UnB)

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Yûki Mukai, pelo estímulo e apoio, pelas orientações e discussões sempre esclarecedoras, essenciais ao meu crescimento acadêmico. Por ser um professor exemplar e comprometido com o que faz. Muito me ensinou diretamente e indiretamente, na formação profissional e pessoal.

Ao Prof. Dr. José Carlos de Almeida Filho, da Universidade de Brasília (UnB), com quem tive a valiosa oportunidade de conhecer a área da Linguística Aplicada e quem me inspirou a pesquisar a área de crenças.

À Profa. Dra. Tae Suzuki, da Universidade de Brasília (UnB), pelos conselhos para a minha vida profissional.

À Profa. Dra. Michele Eduarda Brasil de Sá, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pelo exemplo de vida e inspiração profissional.

A todos os professores do curso de Letras-Japonês pelos ensinamentos e orientações durante esses quatro anos e meio de curso.

Aos meus pais pelo apoio e incentivo diário para a realização e conclusão deste trabalho.

Aos grandes amigos da minha igreja, pelos momentos mais especiais da minha vida.

Aos participantes da pesquisa que estiveram disponíveis para a realização desta, meus agradecimentos especiais.

RESUMO

O presente trabalho investiga crenças de estudantes universitários de língua japonesa a respeito de estratégias de aprendizagem dos *kanji* (ideogramas). O objetivo é identificar as estratégias de aprendizagem que os aprendizes utilizam, bem como suas crenças em relação à aprendizagem dos *kanji*. O tema é justificado pela dificuldade de se estudar/aprender os *kanji* como relatado pelos aprendizes brasileiros de língua japonesa, por se tratar de um sistema de escrita diferente aos nativos de língua portuguesa do Brasil. Esta pesquisa tem o intuito de contribuir para uma reflexão sobre ensino-aprendizagem da língua escrita do japonês, a partir das crenças dos participantes analisados. A pesquisa é de natureza qualitativa com abordagem contextual e é um estudo de caso coletivo. O contexto analisado é uma Universidade Pública do Distrito Federal, curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa, aulas de Expressão Escrita 1 e 2. Os participantes são 12 alunos das disciplinas citadas anteriormente e os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: um questionário misto (questionário *Likert* com adaptações), observações de aula, notas de campo e uma entrevista semiestruturada com gravação de áudio. As crenças identificadas a respeito da aprendizagem dos *kanji* foram de que a fluência na leitura e escrita dos *kanji* não representa o domínio da língua japonesa mais do que a fluência na fala e na compreensão auditiva, a crença de que não é necessário ir ao Japão para ter a fluência na leitura e escrita dos *kanji*, crença de que os recursos eletrônicos e digitais não dificulta a aprendizagem dos *kanji*, crença de que existem pessoas que possuem mais facilidade em aprender *kanji* do que outras, crença de que deveriam existir, no curso, aulas voltadas exclusivamente ao ensino de *kanji*, crença de que se sentem estagnados na aprendizagem dos *kanji*. Resultados sugerem que independente da estratégia adotada, o tempo aplicado ao estudo representa grande parte da parcela do rendimento dos estudos dos *kanji*. Discutimos também, a respeito dos recursos eletrônicos frequentemente utilizados pelos participantes e sua influência na aprendizagem dos *kanji*. Portanto, espera-se que, a partir deste estudo, professores e, principalmente, os alunos reflitam sobre o processo de aprendizagem dos *kanji* e suas estratégias de aprendizagem com o intuito de melhorar e refletir sobre o ensino-aprendizagem dos *kanji* no ambiente universitário.

Palavras-chave: Crenças. *Kanji* (ideograma). Estratégia de Aprendizagem. Língua Japonesa Escrita. Ensino de Língua Escrita.

ABSTRACT

This present work investigates beliefs of University students of Japanese Language (as foreign language) about their Kanji Strategies of Learning. The purpose is to identify the Strategies of Kanji Learning that learners use, and also their beliefs about learning kanji. The subject is justified by the difficulty to study/learn kanji as reported by Brazilian learners of Japanese language, because it is a different writing system to the Portuguese-speaking natives (Brazil). In order to contribute to a reflection on teaching and learning of the Japanese written language, from the beliefs of the analyzed participants. The research is qualitative with contextual approach and is a collective case study. The context analysis is a public university in the Federal District, Degree course in Japanese Language and Literature, Expression classes Writing 1 and 2. The participants are 12 students from the aforementioned subjects and data collection instruments used were a mixed questionnaire (Likert scale with adaptations), classroom observations, field notes and a semi-structured interview with audio recording. Beliefs identified regarding the kanji of learning were that fluency in reading and writing of kanji does not represent the field of Japanese language more than fluency in speaking and listening, the belief that it is not necessary to go to Japan to have fluency in reading and writing of kanji, belief that electronic and digital resources does not hinder the learning of kanji, belief that there are people who have an easier time learning kanji than others, the belief that there should be, in the course, dedicated exclusively to classes kanji teaching, belief that feel stagnant in learning kanji. Results suggest that regardless of the strategy, the time applied to the study represents much of the performance of studies of the kanji learning. We discussed also about the electronic resources often used by the participants and their influence on learning the kanji. Therefore, it is expected that from this study, teachers and especially students to reflect on the process of learning kanji and their learning strategies in order to improve and reflect on the teaching and learning of kanji in the university environment.

Keywords: Beliefs. *Kanji* (Chinese characters used in Japanese writing). Learning strategies. Writing Japanese. Writing education.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – FORMAS DE IDEOGRAMAS ATRAVÉS DO TEMPO

QUADRO 2 – JAPONÊS: EXPRESSÃO ESCRITA 1 – EMENTA E PROGRAMA

QUADRO 3 – JAPONÊS: EXPRESSÃO ESCRITA 2 – EMENTA E PROGRAMA

QUADRO 3 – JAPONÊS: EXPRESSÃO ESCRITA 3 – EMENTA E PROGRAMA

QUADRO 4 – JAPONÊS: EXPRESSÃO ESCRITA 3 – EMENTA E PROGRAMA

QUADRO 5 – CRONOGRAMA DAS AULAS ASSISTIDAS

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – RELAÇÃO MOTIVAÇÃO DO INGRESSO NO CURSO DE LETRAS

FIGURA 2 – DADOS COLETADOS ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO 1

LISTA DE SIGLAS

EA – Estratégia de Aprendizagem

LA – Linguística Aplicada

LE – Língua Estrangeira

LH – Língua de Herança

LJE – Língua Japonesa como Língua Estrangeira

L2 – Segunda Língua

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	1
1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	1
1.1.1 Objetivo geral	1
1.1.2 Objetivos específicos	2
1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA	2
1.3 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	2
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	4
2.1 O QUE É LINGÜÍSTICA APLICADA?	4
2.2 O QUE SÃO CRENÇAS?	5
2.3 O QUE SÃO KANJI: UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO	6
2.3.1 A escrita padrão (contemporânea) da língua japonesa.....	8
2.3.2 Características dos <i>kanji</i>	9
3 METODOLOGIA	11
3.1 MÉTODO E NATUREZA DE PESQUISA	11
3.2 ESTUDO DE CASO.....	11
3.3 CONTEXTO DA PESQUISA	12
3.4 OS PARTICIPANTES.....	14
3.5 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS	15
3.6 DESCRIÇÕES DOS INSTRUMENTOS	16
3.6.1 Questionário misto.....	16
3.6.2 Entrevista semiestruturada com gravação de áudio (individual)	18
3.7 PROCESSOS PARA COLETA DE DADOS.....	19
3.8 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS	19
3.9 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	20
4 RESULTADOS	21
4.1 SENSACÕES	21
4.2 MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS.....	22
4.2.1 Motivação: interesse pelo Japão	22
4.2.2 Motivação: profissional	23
4.3 TEMPO DEDICADO AOS ESTUDOS DE KANJI.....	23
4.4 PALAVRA-CHAVE.....	24
4.5 AS CRENÇAS EM RELAÇÃO À APRENDIZAGEM DOS KANJI.....	24
4.6 MATERIAIS UTILIZADOS PARA O ESTUDO DOS KANJI.....	26
4.6.1 Crenças a respeito de recursos digitais	26
4.6.1.1 Crença de que recursos digitais ajudam na aprendizagem dos <i>kanji</i>	26
4.6.1.2 Crença de que recursos digitais não ajudam na aprendizagem dos <i>kanji</i>	27
4.7 ESTRATÉGIAS DOS PARTICIPANTES EM REALÇÃO À APRENDIZAGEM DOS KANJI	27
4.7.1 As estratégias de aprendizagem dos <i>kanji</i>	28

4.7.2 Estratégia da repetição.....	28
4.7.3 A estratégia visual.....	29
4.7.4 A estratégia de associação por alguma história	29
4.7.5 A estratégia de estudar os <i>kanji</i> através dos textos	30
4.8 AS RELAÇÕES ENTRE CRENÇAS E AS ESTRATÉGIAS SDE APRENDIZAGEM DOS KANJI...	31
4.8.1 Dicionário eletrônico e a estratégia da repetição	31
4.8.2 Tempo dedicado aos estudos de <i>kanji</i> , motivação e palavra-chave	32
4.8.3 Material didático complementar e estratégia visual.....	32
4.8.4 Material didático complementar e estratégia de associação por uma história	33
4.8.5 Os recursos eletrônicos e a estratégia da leitura de textos	34
4.8.6 Considerações finais	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
5.1 CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO.....	38
5.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA	38
REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A pesquisa tem como objetivo investigar as crenças de estudantes de um curso de Licenciatura em Língua Japonesa de uma Universidade Pública localizada no Distrito Federal a respeito de métodos de retenção/aprendizagem dos *kanji*.

As motivações iniciais deste trabalho partiram de questionamentos dos estudantes do nível intermediário, a respeito da dificuldade de retenção dos *kanji*. É importante ressaltar a dificuldade de retenção dos *kanji* presentes na Língua Japonesa pelos aprendizes, afinal é necessário conhecer mais de dois mil *kanji* para poder ler, fluentemente, textos em geral.

Percebeu-se que por meio de atividades que envolviam leituras em voz alta de textos em língua japonesa a partir do 5º semestre, considerado o nível intermediário do curso, uma carência na fluência da leitura, sobretudo, dos *kanji*.

Por meio de conversas informais, questionava-se sobre a dificuldade de estudos dos *kanji* e se sentiam inseguros e despreparados para exercer a profissão. Além disso, a escassez de estudos que enfoquem a aprendizagem dos *kanji* no Brasil pouco contribui para avanços dessa área. (OLIVEIRA, 2011)

A pesquisa em crenças hoje carece de trabalhos mais específicos. Tais como crenças sobre a oralidade, escrita e leitura. Também é necessário ressaltar que existem poucos trabalhos sobre crenças de alunos de outras línguas estrangeiras, pois a maioria dos trabalhos investiga crenças de alunos e professores de Língua Inglesa (BARCELOS, 2006, 2007). Dentro desta perspectiva a presente pesquisa tem o objetivo de contribuir junto a pesquisas em crenças e necessidades em relação à aprendizagem dos *kanji*, pois o número de trabalhos publicados sobre crenças de professores e alunos de língua japonesa como língua estrangeira (LJE) é ainda escasso no Brasil (MUKAI, 2014).

1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

1.1.1 Objetivo geral

Identificar crenças e ações dos estudantes universitários de língua japonesa sobre as estratégias de aprendizagem dos *kanji*.

1.1.2 Objetivos específicos

Os seguintes objetivos foram propostos na pesquisa:

- a) Identificar as crenças em relação à aprendizagem dos *kanji* em Língua Japonesa;
- b) Identificar as ações em relação à aprendizagem dos *kanji*;
- c) Verificar as relações entre as crenças e estratégias de aprendizagem dos *kanji* dos participantes.

1.2 PERGUNTAS DE PESQUISA

A partir dos objetivos acima propostos, procuramos responder às seguintes perguntas de pesquisa:

- a) Quais são as crenças dos participantes em relação à aprendizagem dos *kanji*?
- b) Quais são as estratégias dos participantes em relação à aprendizagem dos *kanji*?
- c) Quais são as relações entre as crenças e as estratégias de aprendizagem dos *kanji* dos participantes?

1.3 ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O presente trabalho está dividido em quatro partes a fim de responder às perguntas de pesquisa: introdução; capítulo teórico; capítulo metodológico; exposição dos dados, análise e discussão dos mesmos; e considerações finais.

No capítulo teórico são abordados os conceitos a respeito de linguística aplicada, conceitos de crenças segundo diversos teóricos; os sistemas de escrita, características dos *kanji*, o sistema atual de escrita em língua japonesa e as características dos *kanji*.

O capítulo metodológico traz uma base metodológica utilizada na pesquisa: método, natureza, abordagem, contexto, participantes e instrumentos para coleta de dados.

No capítulo quatro, trazemos os dados coletados a partir dos instrumentos de pesquisa quanto às crenças das estratégias de aprendizagem dos participantes, as sensações, motivação do ingresso ao curso de ensino superior, tempo dedicado ao estudo de *kanji* propriamente dito, palavra-chave que melhor representa a aprendizagem dos *kanji* conforme a

a crença dos participantes e as crenças propriamente ditas a respeito de estratégias de aprendizagem dos *kanji*, tendo em vista a triangulação dos dados.

No último capítulo, as considerações finais, discorremos o trabalho como um todo, tendo como objetivo, analisar o trabalho como todo. Retomamos às perguntas de pesquisa respondendo-as e também discorremos sobre as limitações deste estudo.

Após as considerações finais apresentamos a referência bibliográfica utilizada para este trabalho.

É importante ressaltar que as traduções e observações foram feitas pelo pesquisador.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo apresentamos o embasamento teórico utilizado na presente pesquisa e também algumas faces que conduziram este trabalho. Trazemos um pouco conceitos a respeito de Linguística Aplicada, bem como as Crenças, conforme conceitos definidos por diversos linguistas aplicados; os sistemas de escrita, trazemos também um breve panorama histórico dos ideogramas até tornar-se um sistema oficial de escrita no Japão, ainda trataremos da escrita padrão contemporânea, inclui-se aqui algumas reformas na escrita e como ela se encontra na contemporaneidade.

2.1 O QUE É LINGUÍSTICA APLICADA?

O desenvolvimento da Linguística Aplicada (LA) como área de conhecimento explícito, objetivo, sistemático (ALMEIDA FILHO, 2005, p.11) possui sua origem relacionada ao ensino de línguas nos Estados Unidos ao longo e após da II Guerra Mundial.

Durante a Guerra, necessidade de entender o idioma dos aliados e compreender informações inimigas, fez-se necessário uma teorização dos processos de ensino e aprendizagem de línguas e o desenvolvimento de materiais para o ensino de línguas. Como se tratava de ensino-aprendizagem de línguas pareceu correto e natural utilizar os resultados da pesquisa científica e prestigiosa da linguística geral, assim, nasceram os cursos de Linguística Aplicada do galho da Linguística brotada do ramo maior das ciências sociais.

Considero que o percurso da pesquisa em LA que utilizo pode ser caracterizado pelos pontos discutidos a seguir. Trata-se de pesquisa: a) de natureza aplicada em Ciências Sociais; b) que focaliza a linguagem do ponto de vista processual; c) de natureza interdisciplinar e mediadora; d) que envolve formulação teórica; e) que utiliza métodos de investigação de base positivista e interpretativista.” (MOITA LOPES, 1996, p. 19).

A Linguística Aplicada é uma ciência social de estudos da linguagem de caráter interdisciplinar. A Linguística Aplicada tem sua primeira fase de estabelecimento relação mais objetiva com pesquisas em ensino/aprendizagem de línguas, especialmente estrangeiras, e tradução. Hoje, no entanto, a ciência aborda uma grande diversidade de temas que incluem ensino/aprendizagem de línguas, tradução e interpretação, análise do discurso, formação de professores, comunicação profissional e mídia.

a LA, como um ramo do saber, ‘usa não só informação da sociologia, psicologia, antropologia e teoria da informação, bem como da lingüística, a fim de desenvolver seus próprios e teoria em áreas práticas, tais como organização de programas, terapia da fala, planejamento linguístico, estilística, etc (CELANI, 1991, p. 17).

2.2 O QUE SÃO CRENÇAS?

A definição de crenças não é simples nem unânime, alguns descrevem como complexo e confuso (PAJARES, 1992) enquanto outros definem como pedra sobre a qual nós nos apoiamos (JOHNSON, 1999). Já Mukai (2014) divide os estudos de aquisição de LE/L2 em duas subáreas:

A área de Estudos de Aquisição de LE/L2 pode ser dividida, grosso modo, em duas subáreas: 1) estudos sobre o processo de aquisição/aprendizagem de LE/L2 propriamente dito (por ex., análise de erros, interlíngua); 2) estudos sobre as variáveis individuais de aprendizes (HAYASHI, 2002). É esta última que interessa nosso estudo, uma vez que ela trata da relação entre o sucesso/insucesso de aprendizagem de LE/L2 e as diferenças individuais tais como idade, aptidão, motivação, personalidade, bem como estratégias de aprendizagem, estilos e crenças. (MUKAI, 2014, p. 399).

A seguir, baseado nos estudos de Bomfim e Conceição (2009), destacamos algumas das definições propostas e utilizadas por alguns autores.

Horwitz (1988) usou o termo crenças para se representar ideias ou noções preconcebidas sobre aspectos de Aquisição de Segunda Língua. Já Wenden refere-se ao termo crenças como um “termo técnico [...] para [...] opiniões, que são baseadas em experiências e opiniões de outras (pessoas) respeitadas, e que influenciam a maneira como agem” (1985, p. 5).

Kalaja (1995), por exemplo, define as crenças como parte dos processos interativos, socialmente construídos e inseridos em um contexto, que podem variar de acordo com o contexto e aprendiz.

Barcelos (2004), por sua vez, define crenças como [...] forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2004, p. 18 apud BOMFIM; CONCEIÇÃO, 2009, p. 57).

Pajares (1992), citado anteriormente, destaca a pluralidade na conceituação do termo crenças, e concluiu que seu uso demasiado de diferentes usos era geralmente centrado na distinção entre crenças e conhecimento.

Crenças segundo Barcelos (2009): dinâmicas (mudam de um período para outro); emergentes; socialmente construídas e situadas contextualmente (não são estruturas mentais prontas e fixas, mudam, desenvolvem-se com a interação e com as mudanças de experiências); experienciais (resultado de interação entre indivíduo e ambiente); mediadas (instrumentos que podem ser usados ou não dependendo da situação); paradoxais e contraditórias (podem agir como instrumentos de empoderamento ou como obstáculos para o ensino-aprendizagem).

2.3 O QUE SÃO KANJI: UM BREVE PANORAMA HISTÓRICO

A origem dos *kanji* se deu na China. Segundo Suzuki (1985, p.53), os registros mais antigos dos ideogramas¹ chineses datam a era da dinastia *Yin* (século XIV A.C). Os ideogramas foram encontrados riscados em cascos de tartaruga e ossos de animais, sendo assim, tais ideogramas encontrados nas escavações chamados *kôtotsumoji* (甲骨文 – que significa, literalmente, letras em ossos).

Estima-se que os ideogramas tenham nascido há pelo menos 3300 anos e no início eram representados sob formas de animais e elementos da natureza. Acredita-se que, provavelmente, os ideogramas grafados nos ossos e cascos possuía alguma função nos rituais religiosos. A partir dos séculos III A.C. e III. D.C. começaram a surgir as formas estilizadas que darão origem às formas gráficas de hoje (SUZUKI, 1985).

Segundo Ogassawara (2006, p. 35), há uma história antiga que conta que um escriba ao observar rastros de aves e animais idealizou os ideogramas chineses. Entretanto, isso é apenas uma lenda, pois segundo Ogassawara (2006), ao estudar os ideogramas antigos que deram origem aos atuais, verificou-se que a existência de diversos símbolos que representam os mesmos conceitos; o que significa que a escrita ideográfica não é um sistema que foi organizado desde o início, e muito provavelmente, o ideograma não foi invenção de só uma pessoa.

A seguir apresentamos o quadro de referência criado por Ogassawara (2006, p.36) onde classifica de forma rápida a evolução dos ideogramas.

¹ Utilizamos aqui o termo “ideograma” para diferenciar do 漢字 (*kanji*); porque *kanji* significa, literalmente, letra da dinastia *Kan*. Sendo a dinastia *Kan* apenas parte do processo da formação do sistema de escrita, portanto, tratando-se de um panorama histórico, a fim de evitar confusões na terminologia, optamos por diferenciar *kanji* e ideograma.

QUADRO 1 – FORMAS DE IDEOGRAMAS ATRAVÉS DO TEMPO

Denominação	Época do surgimento	Descrição
<i>Kôkotsumoji</i>	± 1300 AC	Encontrada em cascos de tartaruga e ossos de animais. ± 3500 ideogramas, das quais 1800 com significado conhecido.
<i>Kinbun</i>		Encontrada em gravação em metais como bronze. As formas dos ideogramas já são mais próximas das atuais, se compararmos com as do período anterior. 2600 ideogramas das quais 2000 com significado conhecido.
<i>Tensho</i>	± 220 AC	Esse é o período em que a dinastia <i>Shin</i> dominou o país unificando-o. Nesse período foi realizada também uma uniformização do ideograma inclusive em sua forma, com a figura bem distribuída à direita e à esquerda tornando-a uma figura ornamental. O intuito dos <i>Shin</i> era, com essa reforma na escrita, mostrar o seu poderio político. Este formato de letra é utilizado até hoje nos sinetes pessoais.
<i>Reisho</i>	± 200 AC a 220 DC	Esse é o período da dinastia <i>Kan</i> . Nesse período, os funcionários, que tinham de fazer registros em pedaços de madeira ou de bambu, passaram a traçar de modo retilíneo os traços curvos do ideograma da forma <i>tensho</i> , desse modo criando a escrita do ideograma na forma <i>reisho</i> .
<i>Kaisho</i> <i>Gyôsho</i> <i>Sôsho</i>	229 DC a 681 DC	Já no fim da dinastia <i>Kan</i> houve uma nova reforma na escrita, agora adotando a forma retilínea do <i>reisho</i> de um modo radical, sugerindo então a forma <i>kaisho</i> . As formas <i>gyôsho</i> e <i>sôsho</i> são as formas cursivas do <i>kaisho</i> .

Fonte: OGASSAWARA, 2006, p. 36.

Essa é de forma sucinta, a trajetória do surgimento dos ideogramas chineses até a entrada no Japão e sua evolução consequente. Voltamos a utilizar aqui, novamente, o termo “*kanji*” para continuarmos com a pesquisa.

2.3.1 A escrita padrão (contemporânea) da língua japonesa

À primeira vista, para os leigos brasileiros, a escrita da língua japonesa (doravante LJ) desperta certa curiosidade, ou em outros casos, aversão. Isso ocorre por se tratar de um sistema de escrita distinto do que o estudante brasileiro encontra-se acostumado.

Atualmente, a língua japonesa é registrada visualmente na forma *kanji kana majiribun*. Isto é um registro escrito feito através de uma combinação de grafemas semânticos (ideogramas) e grafemas fonéticos, os *kana*, fonograma japoneses (TAKAGI, 1996 apud OLIVEIRA, 2011, p. 13). Portanto, o atual modelo adotado para registrar a língua japonesa mistura o *kanji*, *hiragana*, *katakana*; sendo válido, também, acrescentar o alfabeto romano (*rômaji*) no texto.

Representam-se com *kanji* os substantivos, adjetivos e verbos. O fonograma é utilizado para representar flexões dos verbos, morfemas que dão função da palavra na sentença, (OGASSAWARA, 2006, p. 35) entre outras funções.

Segundo Ogassawara (2006), o dicionário *Daikanwajiten* publicado pela *Daishûkanshoten*² registra cerca de 50.000 ideogramas. Como o uso indiscriminado de todos eles geraria uma grande confusão o governo determinou quantas e quais letras deveriam ser utilizadas para registrar a língua japonesa em 1946. Em 1949, publicou-se uma legislação não somente quanto às letras, mas regras quanto à forma indicando como deveriam ser os traços quanto ao comprimento e ao modo de usá-los. Outras revisões foram feitas ao longo do tempo de modo que em 1981, o governo anunciou a lista de 1945 ideogramas conhecidos como *Jôyôkanji*, ideogramas de uso comum, que foram utilizadas no sistema educacional japonês.

A atual configuração dos *Jôyôkanji* é utilizada desde 2010, quando foram acrescentados 196 e retirados 5 *kanji* da primeira lista dos *Jôyôkanji* criada em 1981. Ou seja, são uma seleção de 2136 *kanji* criados oficialmente pelo Ministério de Educação do Japão. Isso aconteceu devido às mudanças inerentes na fala e na escrita da língua japonesa causada pelo tempo.

² A leitura correta do *kanji* é *Taishûkan shoten*

Tais *kanji*, agora japoneses, sofreram diversas alterações quanto à sua forma, leitura e significado ao longo de diversos séculos, o que resultou em adotar duas ou mais leituras (ou significados) para o mesmo *kanji*. Trataremos algumas características no tópico a seguir.

2.3.2 Características dos *kanji*

Como citado acima, o *kanji* possui na mesma forma (no sentido de imagem), significados e leituras diferentes. A multiplicidade de leituras chinesas de cada *kanji* se deve ao fato dos ideogramas terem entrado no Japão em diferentes épocas da História e vindos de diferentes partes da China (OLIVEIRA, 2011, p. 18).

Segundo o dicionário, os *kanji* podem ser divididos nas seguintes categorias: *shôkei*; *shiji*; *kaii*; *keisei*; *tenchû*; e *kasha*. Para esclarecer essas categorias, a seguir, apresentamos essas características baseado nos estudos de Suzuki (1985, p. 53, 54).

Shôkei, literalmente “figura” – são os ideogramas que representam pictoricamente objetos, elementos da natureza. Ex: 川 (*kawa* - “rio”); 山 (*yama* - “montanha”); entre outros. Apesar de constituírem a forma ordinária de criação de ideogramas, seu número é reduzido, correspondendo apenas 3% do total de ideogramas hoje existentes.

Shiji, literalmente “indicação” – são os ideogramas que representam ideias abstratas por meio de figuras simbólicas ou acréscimo de pontos ou traços a ideogramas *shôkei*. Ex: 上 (*ue* - “em cima”); 下 (*shita* - “embaixo”). Correspondem cerca de 0,5% do total de ideogramas atualmente utilizados.

Kaii, cerca de 3% do total dos ideogramas, são aqueles que surgiram da combinação de dois ou mais ideogramas. Ex: 明 – formado de 日 (sol) e 月 (lua) para significar “claridade”.

Keisei, literalmente “conceito e som” – são os ideogramas que nasceram da combinação de um ideograma que lhe dá a leitura e o outro que lhe dá o conceito. Ex: 梅 e 桃, temos, respectivamente, “ameixa” e “pêssego”, o ideograma 木 (árvore) à esquerda, indica que têm relação com árvore como têm com ameixa e pêssego; os ideogramas 毎 e 兆 à direita, pronunciados *bai* e *tô*, respectivamente, dão a leitura 梅 (*bai* - “ameixa”) e 桃 (*tô* - “pêssego”). Correspondem cerca de 90% do total.

Ainda baseado nos estudos de Suzuki (1985), posteriormente, foram criados novos ideogramas por associação ou adaptação dos já existentes:

Tenchû – são os ideogramas que sofreram modificação no seu conceito originário e foram adaptados a ideias aproximadas (cerca de 1,5%). Ex.: 楽, originalmente *gaku* “música”, passa a ser lido *raku* “agradável”, por implicar que música é agradável, por implicar que música é agradável de ser ouvida.

Kasha, literalmente “empréstimo” – são os ideogramas que surgiram da adaptação de símbolos ou letras a termos homófonos, sem nenhuma relação com conceitos ou ideias. Representam cerca de 2,4% do total de ideogramas. Ferramenta muito utilizada para escrever nomes próprios estrangeiros.

3 METODOLOGIA

Neste presente capítulo foram abordados sobre o método e natureza de pesquisa, especificando o contexto de pesquisa, participantes, considerações éticas e os instrumentos de pesquisa e procedimentos de coleta e a análise dos dados.

3.1 MÉTODO E NATUREZA DE PESQUISA

A metodologia de investigação utilizada foi a *pesquisa qualitativa*; a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (CRESSWEL, 2010, p.30) Portanto, as características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (CRESSWEL, 2010, p. 32).

3.2 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso tem origem na pesquisa médica e na pesquisa psicológica, com análise de modo detalhado de um caso individual que explica a dinâmica e a patologia de uma doença dada (VENTURA, 2007, p. 384). Além das áreas da medicina e psicologia, tal modalidade de pesquisa qualitativa tornou-se uma das principais nas áreas em ciências humanas. Segundo Ventura, os estudos de caso mais comuns são os que têm foco em uma unidade, entende-se aqui como um caso único e singular, como um “caso clínico”; ou foco em um determinado grupo, ou seja, múltiplo, onde encontram-se vários indivíduos e/ou organizações, por exemplo. Conforme Ventura, estudo de caso ainda pode ser classificado em intrínseco ou particular:

Conforme os objetivos da investigação, o estudo de caso pode ser classificado de intrínseco ou particular, quando procura compreender melhor um caso particular em si, em seus aspectos intrínsecos; instrumental, ao contrário, quando se examina um caso para se compreender melhor outra questão, algo mais amplo, orientar estudos ou ser instrumento para pesquisas posteriores, e coletivo, quando estende o estudo a outros casos instrumentais conexos com o objetivo de ampliar a compreensão ou a teorização sobre um conjunto ainda maior de casos. Os pesquisadores devem buscar, a partir dessa categorização, tanto o que é comum quanto o que é particular em cada caso e o resultado final provavelmente mostrará alguma coisa original em decorrência de um ou mais dos seguintes aspectos: a natureza e o histórico do caso; o contexto em que se insere; outros casos pelos quais é reconhecido e os informantes pelos quais pode ser conhecido. (VENTURA, 2007, p.384).

Para a área da Linguística Aplicada, as pesquisas qualitativas etnográficas ou nos estudos de caso, se investigam as crenças contextualmente (ABRAHÃO, 2006, p. 226). Ou seja, no caso de estudo a respeito de crenças, são observados, e analisados, as suas crenças, experiências e o contexto dos participantes.

Para o estudo de caso, foram baseadas na Abordagem Contextual utilizada nos estudos em crenças, segundo Abrahão, as crenças são investigadas através de observações de sala de aula e análise do contexto. O Contexto, nesse caso, é definido neste estudo como um fenômeno socialmente constituído e sustentado interativamente, onde cada ação acrescentada (BARCELOS, 2001, p. 81). Caracterizam crenças como específicas de um determinado contexto (ALLEN, 1996 apud BARCELOS, 2001, p.81) ou de uma cultura de aprender de um determinado grupo (BARCELOS, 1994) as experiências anteriores e a relação crença-ação dentro de um contexto específico.

Portanto, a presente pesquisa não possui como objetivo generalizar os resultados obtidos, mas sim, investigar as crenças dos mesmos em relação à aprendizagem de *kanji* inseridos em um contexto universitário.

3.3 CONTEXTO DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma Universidade Pública do Distrito Federal no curso de licenciatura em Língua e Literatura Japonesa, sobretudo, com aprendizes de nível intermediário.

O curso é dividido em dois níveis, o básico e o intermediário. O nível básico corresponde aos quatro primeiros semestres do curso, as aulas teóricas e práticas são oferecidas de maneira separada. O nível intermediário abrange do 5º ao 9º semestre, estudantes destes períodos, passam a focar a parte gramatical, escrita (ênfase na produção e

leitura de textos) e oral em uma única disciplina, ou seja, a prática e teoria são abordadas juntas.

É importante ressaltar que, no curso, não existe uma disciplina voltada exclusivamente ao ensino de *kanji*. O ensino de *kanji* é abordado, pelo Curso de Letras-Japonês, através de textos (literários ou não), testes de *kanji* realizados de forma esporádica e/ou materiais didáticos escolhidos pelos professores.

Disciplinas voltadas exclusivamente à língua escrita são: Expressão Escrita 1, 2 e 3; sendo que as disciplinas de Expressão Escrita são consideradas disciplinas optativas pela instituição. Ressaltamos que todas as disciplinas voltadas à língua escrita possuem ênfase na produção, leitura e interpretação de textos. Essa distribuição e suas respectivas ementas podem ser melhor compreendidas no quadro a seguir:

QUADRO 2 – JAPONÊS: EXPRESSÃO ESCRITA 1 – EMENTA E PROGRAMA

Disciplina	JAPONÊS - EXPRESSÃO ESCRITA 1
Ementa	Compreensão e produção de expressão escrita de pequena e média extensão. Aquisição de estratégias de comunicação escrita próprias da língua japonesa.
Programa	<p>Leitura, compreensão e produção de expressões escritas do cotidiano de pequena e média extensão como: mensagens, memorando, cartões postais, cartas, diário, etc.</p> <p>Atividades microestruturais: ortografia, morfologia e sintaxe na redação e exercícios de vocabulário e paráfrases de compreensão na literatura.</p> <p>Atividades macroestruturais: coerência global, coerência local, coerência temática, geração e organização de ideias, execução.</p>

Fonte: <https://wwwsec.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina_pop.aspx?cod=147842> Acesso em 21 de abril de 2015)

QUADRO 3 – JAPONÊS: EXPRESSÃO ESCRITA 2 – EMENTA E PROGRAMA

Disciplina	JAPONÊS – EXPRESSÃO ESCRITA 2
Ementa	Leitura e compreensão de textos preparatórios (textos filtros) e textos filtrados. Produção de texto narrativo e texto descritivo.
Programa	Produção de texto descritivo. Produção de texto narrativo organizando: estrutura narrativa, enunciado de estado, enunciado de ação, as fases do enunciado, esquemas narrativos: figuras e temas e seleção lexical. Leitura e compreensão de textos filtros e textos filtrados com ênfase no conteúdo. Exercícios escritos: resumo (condensar os seguimentos, encadeá-los na progressão em que sucedem no texto, estabelecendo as relações entre eles).

Fonte: <https://wwwsec.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina_pop.aspx?cod=147851>. Acesso em 21 de abril de 2015.

QUADRO 4 – JAPONÊS: EXPRESSÃO ESCRITA 3 – EMENTA E PROGRAMA

Disciplina	JAPONÊS – EXPRESSÃO ESCRITA 3
Ementa	Compreensão de “textos autênticos” diversos. Produção de texto dissertativo de caráter científico.
Programa	Leitura e compreensão de “textos autênticos” variados a serem escolhidos entre os publicados na imprensa escrita. Prática de produção de texto dissertativo de caráter científico: efeito de sentido de objetividade, neutralização da presença do enunciador: a língua padrão na sua expressão formal: o conteúdo de verdade dos enunciados; fundamentação das ideias e a argumentação; o argumento de autoridade, o apoio na consensualidade, a comprovação pela experiência ou observação, a fundamentação lógica.

Fonte: <https://wwwsec.serverweb.unb.br/matriculaweb/graduacao/disciplina_pop.aspx?cod=147851>. Acesso em 21 de abril de 2015.

3.4 OS PARTICIPANTES

Os participantes desta pesquisa foram alunos regulares do curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa de uma Universidade Pública do Distrito Federal. Foram observadas e analisadas somente as disciplinas de Expressão Escrita 1 e 2, a Expressão Escrita 3 não foi observada pela instituição não abrir turmas para o presente

semestre. Sendo essas disciplinas optativas, quaisquer estudantes interessados na disciplina poderão ingressar desde que preencham o pré-requisito mínimo, ou seja, a partir do 5º e 6º semestre, respectivamente. Verificamos que estão matriculados, oficialmente, na disciplina 10 (dez) alunos para a turma A de Japonês - Expressão Escrita 1 e 5 (cinco) alunos para a turma A de Japonês - Expressão Escrita 2. Foram coletados dados, através da aplicação do questionário e a entrevista, 12 (doze) participantes. Sendo 4 (quatro) participantes da disciplina Japonês – Expressão 2 e 8 (oito) participantes da disciplina Japonês – Expressão Escrita 1.

Vale ressaltar que a participação é voluntária e foram mantidos seus nomes em anonimato.

A realização da pesquisa ocorreu durante o primeiro semestre do ano de 2015.

Conforme explicitado acima, os nomes foram atribuídos códigos para garantir o anonimato dos participantes. Os códigos foram atribuídos da seguinte maneira:

QUADRO 4 – CÓDIGOS PARA A IDENTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES

EXPRESSÃO ESCRITA I	EXPRESSÃO ESCRITA II
A.1.EE1	A.1.EE2
A.2.EE1	A.2.EE2
A.3.EE1	A.3.EE2
A.4.EE1	A.4.EE2
A.5.EE1	-
A.6.EE1	-
A.7.EE1	-
A.8.EE1	-

Os participantes foram identificados conforme a tabela acima, sendo “A” representando “Aluno” e o número seguido de um ponto, a numeração atribuída ao aluno e “EE1” ou “EE2” como abreviação de Expressão Escrita I e II, respectivamente.

3.5 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Com o intuito de conferir uma maior veracidade aos resultados apresentados na presente pesquisa, utilizamos diferentes instrumentos de dados. Serão coletados e submetidos

a uma análise qualitativa dos dados obtidos em cada instrumento de coleta. Os instrumentos utilizados foram:

- a) Questionário misto; (doravante Q1);
- b) Observação de aulas com notas de campo (com gravação de áudio);
- c) Entrevista semiestruturada individual com gravação de áudio.

3.6 DESCRIÇÕES DOS INSTRUMENTOS

Conforme Abrahão (2006), para um estudo mais adequado das crenças dentro de uma perspectiva mais contemporânea de investigação, que é, segundo a autora, a contextual, se insere dentro de um paradigma qualitativo e da pesquisa de base etnográfica, nenhum instrumento é suficiente por si só, porém a combinação de vários instrumentos permite estabelecer uma triangulação de dados e perspectivas. Para a presente pesquisa, foram adotados os três instrumentos a seguir: o questionário misto, observação em sala de aula com notas de campo, e entrevista semiestruturada com gravações de áudio.

3.6.1 Questionário misto

Os questionários envolvem questões pré-determinadas apresentadas na forma escrita (ABRAHÃO, 2007). De acordo com McDonough & McDonough (apud BARCELOS, 2007. p.171-172) embora os questionários sejam trabalhosos para elaborar, apresentam algumas vantagens ao pesquisador: o conhecimento que se necessita é controlado por perguntas, o que garante precisão e clareza; os questionários podem ser utilizados em pequena e grande escala; os dados podem ser coletados em diferentes momentos; e os questionários permitem respostas em diferentes locais. Podendo, o questionário, ser elaborado com itens fechados, itens abertos ou uma combinação desses elementos, ou seja, questionário misto.

O questionário (misto) aplicado nesta presente pesquisa fora dividida em duas partes, da seguinte maneira: 11 (onze) questões abertas e 16 (dezesesseis) questões conforme o modelo de *Likert*. No questionário com escala do tipo *Likert*, são incluídas afirmações que devem ser assinaladas dependendo do grau de concordância ou discordância do participante. Pode incluir até cinco escolhas e são usados principalmente para o levantamento de opiniões e perspectivas (VIEIRA-ABRAHÃO, 2006b, p. 221). Foram aplicados, aos participantes da

pesquisa, 11 (onze) questionários, foram aplicados nos dias 6 e 7 de maio para as disciplinas de Japonês – Expressão Escrita 2 e Japonês – Expressão Escrita 1, respectivamente.

3.6.2 Observação de aulas com notas de campo

A observação de aulas possibilita que os pesquisadores documentem sistematicamente as ações e as ocorrências que são particularmente relevantes para suas questões e tópicos de investigação (ABRAHÃO, 2006, p. 225).

Segundo Barcelos, há dois tipos de observação; a observação participante e observação não-participante. Tais definições são conforme o papel assumido pelo pesquisador. Segundo a autora, o observador participante é aquele em que o pesquisador observa-se e observa o outro, torna-se membro do contexto pesquisado, ou seja, participa das atividades. Já o observador não-participante é aquele que observa e registra o que ocorre em sala de aula sem se envolver pessoalmente com o contexto pesquisado. Para a presente pesquisa foi utilizado a observação não-participante.

As observações estão acompanhadas de notas de campo, inclui-se também as gravações de áudio, e, segundo Abrahão (2006), em segundo momento, as gravações em vídeos, depois que os alunos e o professor estiverem bastante familiarizados com o pesquisador e o gravador. Porém, para a presente pesquisa, as aulas não foram gravadas em vídeo, somente em áudio e notas de campo.

Na pesquisa, foram observadas as aulas com o objetivo de verificar o ensino de língua escrita, e principalmente, a parcela do ensino dos *kanji*. Quanto ao ensino, na disciplina, foi considerado somente o ensino de *kanji*; na finalidade de obter um recorte mais preciso para o presente trabalho. As observações ocorreram no período de 29 de abril à 21 de maio de 2015, conforme o cronograma de observações abaixo:

QUADRO 5 – CRONOGRAMA DAS AULAS ASSISTIDAS

DATA	Aula assistida
29/04/15	Expressão Escrita I
30/04/15	Expressão Escrita II
06/05/15	Expressão Escrita I
07/05/15	Expressão EscritaII
13/05/15	Expressão Escrita I
14/05/15	Expressão Escrita II
20/05/15	Expressão Escrita I
21/05/15	Expressão Escrita II

3.6.2 Entrevista semiestruturada com gravação de áudio (individual)

As entrevistas semiestruturadas são caracterizadas por uma estrutura geral, mas permitem certa flexibilidade. Neste tipo de instrumento, o pesquisador prepara questões orientadoras, essas questões gerais são, então, utilizadas sem que se siga uma ordem fixa, o que permite o surgimento de temas ou tópicos não previstos pelo orientador. Segundo Vieira Abrahão, é o instrumento que mais se adequa ao paradigma qualitativo por permitir interações e respostas pessoais. Esse tipo de entrevista tem a vantagem de permitir que as perspectivas do entrevistador e do entrevistado componham a agenda da investigação. (BURNS, 1999, p. 94 apud BARCELOS, 2006, p. 227).

A gravação de áudio constitui uma técnica usada na pesquisa qualitativa com o objetivo de registrar em detalhes as ações e interações de uma entrevista ou observação de sala de aula. “São imbatíveis em auxiliar os professores pesquisadores na reflexão sobre crenças implícitas, ações e esquemas mentais que são trazidos para a sala de aula.” (BURNS, 1999 apud BARCELOS, 2006). As gravações podem ser utilizadas para registrar observações do contexto em que o pesquisador está inserido. Essa técnica pode ser considerada invasiva pelos participantes, portanto, o gravador deve ser usado somente com a autorização expressa de todos os pesquisados e, por razões éticas, os resultados devem ser restritos aos objetivos da pesquisa (ABRAHÃO, 2006, p. 227).

Nesta pesquisa, a gravação foi feita com a autorização dos professores e dos participantes. Além da entrevista, foram gravadas as aulas observadas pelo pesquisador com

intuito de analisar caso durante a aula, o professor aborde a respeito de estratégias de aprendizagem de *kanji*. Neste trabalho, a entrevista ocorreu nos dias 14 e 20 de maio de 2015, nas turmas de Expressão Escrita 2 e 1, respectivamente. Para a entrevista, foram chamados os alunos um a um em uma sala separada e silenciosa para a entrevista semiestruturada.

3.7 PROCESSOS PARA COLETA DE DADOS

Com a autorização dos professores, foram entregues o questionário misto a serem preenchidos em um momento da aula; em outro momento, foram entrevistados, 12 (doze) participantes individualmente, com um tempo médio de 12 (doze) minutos de entrevista por participante. As entrevistas também foram gravadas (áudio) com a autorização de cada participante. Quanto ao questionário escrito, foram aplicados à 11 (onze participantes).

As gravações das aulas ocorreram no período dos dias 28 de abril à 20 de maio de 2015. A gravação da entrevista ocorreu nos dias 13 e 14 de maio nas disciplinas de Japonês – Expressão Escrita 2 e Japonês – Expressão Escrita 1, respectivamente. As gravações das entrevistas foram utilizadas para a análise de dados.

Quanto ao questionário, foram entregues nos dias 6 e 7 de maio para as disciplinas de Japonês – Expressão Escrita 2 e Japonês – Expressão Escrita 1, respectivamente.

Vale ressaltar que não foram utilizadas as gravações das observações das aulas por não encontrarmos relevância no áudio gravado conforme os objetivos propostos para esta pesquisa.

3.8 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DE DADOS

Na primeira parte da análise, abordamos as sensações, expectativas e motivações dos participantes referentes à aprendizagem dos *kanji*. Posteriormente, apresentamos as crenças, propriamente ditas, dos participantes e a sua relação com as estratégias dotadas pelos participantes.

O restante do procedimento para a análise de dados foi dividido em três partes. Na primeira parte, foram expostas as crenças quanto à aprendizagem dos *kanji* e relacionar com a intensidade do estudo ou contato com a língua escrita, ou seja, média diária de horas de

estudo e o contato diário com a língua escrita; considera-se aqui, respectivamente, o estudo dos *kanji* propriamente dito e a qualidade do contato com leitura de textos (literários ou não). foram consideradas, também, experiências anteriores, incluindo comparações de métodos de estudos com outras línguas estrangeiras. Vale ressaltar que não foram consideradas leituras de textos com recursos digitais na qual fornecem os *furigana* dos ideogramas.

Na segunda parte, foram tratadas as estratégias de aprendizagem adotadas pelos participantes, e em seguida, relacionar com as crenças coletadas anteriormente.

Foram classificadas as crenças dos aprendizes quanto ao estudo da língua escrita japonesa com enfoque em *kanji* e foram analisados os aspectos comuns e divergentes presentes em todos os participantes. Em seguida, foram triangulados os dados coletados do ponto de vista de crenças, ações (estratégias) e motivação.

Na quarta e última parte, foi discutido se a sensação de estagnação na aprendizagem está presente nas crenças dos participantes e se isso faz parte do processo de aprendizagem. Foi verificado se existem falhas no método de aprendizagem adotadas pelos participantes ou no sistema de ensino de *kanji* como LE através de suas crenças.

3.9 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Qualquer estudo que pretenda atingir níveis de credibilidade deva preocupar-se com a conduta ética por parte do pesquisador. Portanto, baseado nas Reflexões sobre ética na pesquisa, de Paiva (2005), todo o procedimento de coleta de dados foi realizado conforme os procedimentos abaixo:

- a) Apresentação dos objetivos da pesquisa aos participantes e a explanação quanto às condutas éticas desta pesquisa;
- b) Obtenção da autorização para a realização do projeto tanto por parte da instituição, coordenação quanto por parte dos professores e participantes;
- c) Reafirmação do consentimento em relação à participação na pesquisa, assegurando ou não dos(as) alunos(as) durante o desenvolvimento da pesquisa;
- d) Criação de códigos para identificação dos participantes a fim de garantir a segurança das informações dos participantes da pesquisa;
- e) A omissão do nome da instituição na qual a pesquisa será realizada;
- f) Retorno dos resultados de pesquisa à instituição, uma vez que uma cópia do trabalho será enviada à instituição.

4 RESULTADOS

Neste capítulo apresentaremos os resultados obtidos através dos instrumentos de coleta de dados apresentados anteriormente. De todos os participantes presentes nas turmas de Japonês Expressão Escrita 1 e 2, foi aplicado o questionário à 12 (doze) participantes, sendo 4 (quatro) participantes da disciplina Japonês – Expressão Escrita 1 e 8 (oito) da disciplina Japonês – Expressão Escrita 2. Foram entrevistados 11 (onze) participantes, sendo 4 (quatro) da disciplina Japonês – Expressão Escrita 2 e os outros 9 (nove) da disciplina Japonês – Expressão Escrita 1. Antes disso, foram classificadas as crenças dos aprendizes quanto ao estudo da língua japonesa com enfoque em *kanji*; abordamos as sensações, expectativas e motivações dos participantes referentes à aprendizagem dos *kanji*. Posteriormente, apresentamos as crenças, propriamente ditas, dos participantes e a sua relação com as estratégias dotadas pelos participantes.

4.1 SENSACÕES

A maioria dos participantes afirmou sentir-se estagnada, sem motivação, insatisfeita em relação à leitura e escrita dos *kanji*. Apesar de a maioria responder com certo teor negativo, alguns poucos demonstraram um ar positivo em relação à pergunta do questionário. Selecionamos algumas respostas escritas no questionário (Q1), expomos primeiramente, as opiniões com teor negativo e em seguida, as opiniões com um teor positivo. Conforme os dados a seguir:

- [1] Sinto-me estagnado devido à dificuldade com os *kanji*. (A.4. EE1)
- [2] Sem motivação (A.6. EE1)
- [3] Fraco, com muito a melhorar. (A.2. EE2)
- [4] Ainda não consigo fazer os dois (leitura e escrita) (A.7. EE1, parênteses nosso)
- [5] Ruim (A.8. EE1)

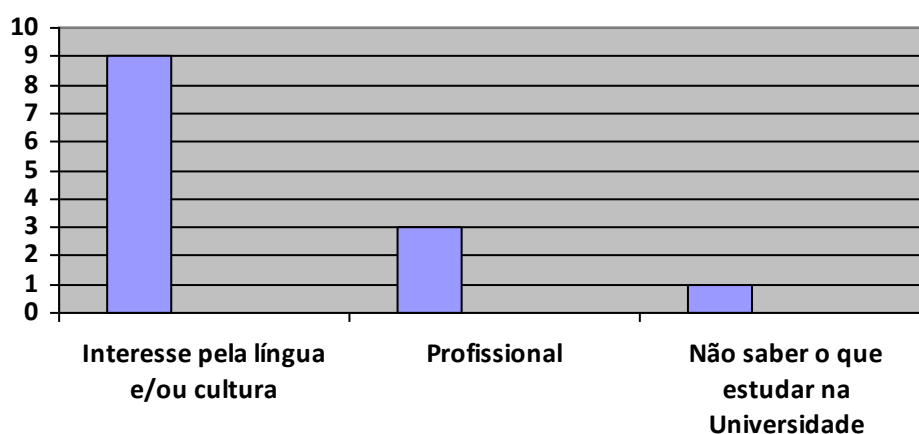
Por outro lado, outros responderam da seguinte maneira:

- [6] Satisfeito, mas sei que ainda tem muito que aprender. (A.1. EE2)
- [7] Consigo ler textos simples (nível N4) e escrever textos pouco complexos (quase N3). (A.3.EE2, parênteses do participante)
- [8] Não sei o suficiente para me satisfazer, mas já consigo me virar. (A.5. EE1)

4.2 MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS

No questionário, perguntamos também, quais foram às motivações dos participantes ao ingressarem no curso superior de língua japonesa. As expectativas em relação aos *kanji* foi um tanto óbvio, conseguir ler e escrever textos em japonês, porém percebemos que o fator motivacional é diverso. Portanto, para as motivações, separamos de modo geral, em três partes, sendo classificados conforme relação dos interesses e ao número de pessoas. Conforme figura a seguir:

FIGURA 1 – RELAÇÃO MOTIVAÇÃO DO INGRESSO NO CURSO DE LETRAS



(figura nossa)

4.2.1 Motivação: interesse pelo Japão

Classificamos aqui, a motivação pelo interesse pela cultura, relação histórica, influência *pop* ou pela língua japonesa propriamente dita. Separamos algumas das respostas dos participantes.

[9] Meu interesse pela cultura e costumes japoneses, além do contato com ela através de eventos e festivais. Como queria saber mais sobre lá comecei a estudar japonês. (A.5. EE1)

[10] A princípio foi pela curiosidade na cultura japonesa e que foi incentivada através de alguns programas de televisão e jogos. (A.7. EE1)

[11] Gosto pela língua e cultura japonesa. Desde criança me interesso pelo assunto, logo, achei que seria interessante trabalhar com o idioma japonês. (A.1.EE1)

4.2.2 Motivação: profissional

A motivação por objetivos profissionais envolve a docência e trabalhos acadêmicos.

[12] Sempre busquei um curso no qual minha profissão futura se relacionasse com um *hobby*. Com o curso de Letras (Japonês) pretendo me tornar professor universitário e trabalhar constantemente com o que eu gosto. (A.2.EE2)

[13] Para melhorar meu trabalho como professora de japonês. (A.4.EE2)

[14] Área de interesse para tradução, pretensão de mudar de país para traduzir textos. (A.2. EE1)

4.3 TEMPO DEDICADO AOS ESTUDOS DE KANJI

Foram coletados dados do tempo médio de estudo diário, em horas. A média aritmética das horas de estudos diários voltados ao estudo dos *kanji* foram de 1 (uma) hora e 11 (onze) minutos. Vale ressaltar que é o tempo médio de um grupo de 12 participantes entrevistados.

[16] Depende, se for nas aulas de literatura eu acabo estudando mais, mas nas férias eu estudo nada. (A.3. EE2)

[17] [...] por dia, eu tiro por volta de 30 min [...] eu tiro 4h de estudos de japonês em geral, e desse tempo, tiro em média, até 1h só para *kanji*. (A.5. EE1)

[18] Não muito, 3h por semana só para *kanji*. Neste semestre não tenho muito tempo para estudar *kanji* especificamente. Nos semestres anteriores dedicava 1h por dia. Agora não tenho esse tempo. (A.1.EE1)

[19] Nesse semestre estou estudando todos os dias. Porque peguei algumas matérias mais avançadas como literatura, aí eu preciso estudar as leituras do *kanji* do texto. Mas eu não estudo os *kanji* porque não tenho tempo para isso, só a leitura mesmo. (A.6.EE1)

Já alguns participantes alegaram não separar um tempo para os estudos os *kanji* especificamente.

[20] Depende, sei lá, umas 2h por semana. Somente leitura. Não necessariamente estou estudando. (A.4.EE2)

4.4 PALAVRA-CHAVE

Solicitamos aos participantes para descreverem uma palavra-chave ao pesquisador para representar a aprendizagem dos *kanji*. 7 (sete) pessoas no total de 12 (doze) entrevistados responderam “dedicação”. Vale informar que os participantes foram entrevistados individualmente e que não tiveram a oportunidade de repassar as informações a respeito da entrevista aos colegas.

[21] **dedicação**. Significa repetir, buscar informações por vontade própria. Não pela exigência de um professor. Estudar sempre que possível. (A5.EE1, grifo nosso)

[22] **Dedicação**. Aquela disciplina né. Já que você não está imerso numa cultura, você tem que estudar todo dia. (A.6.EE1, grifo nosso)

[23] **Dedicação**. Não parar de estudar. Não desistir. Não desaminar durante o estudo. (A.2.EE2, grifo nosso)

Apesar de a maioria optar por “dedicação”, há outras palavras-chaves citadas por outros participantes.

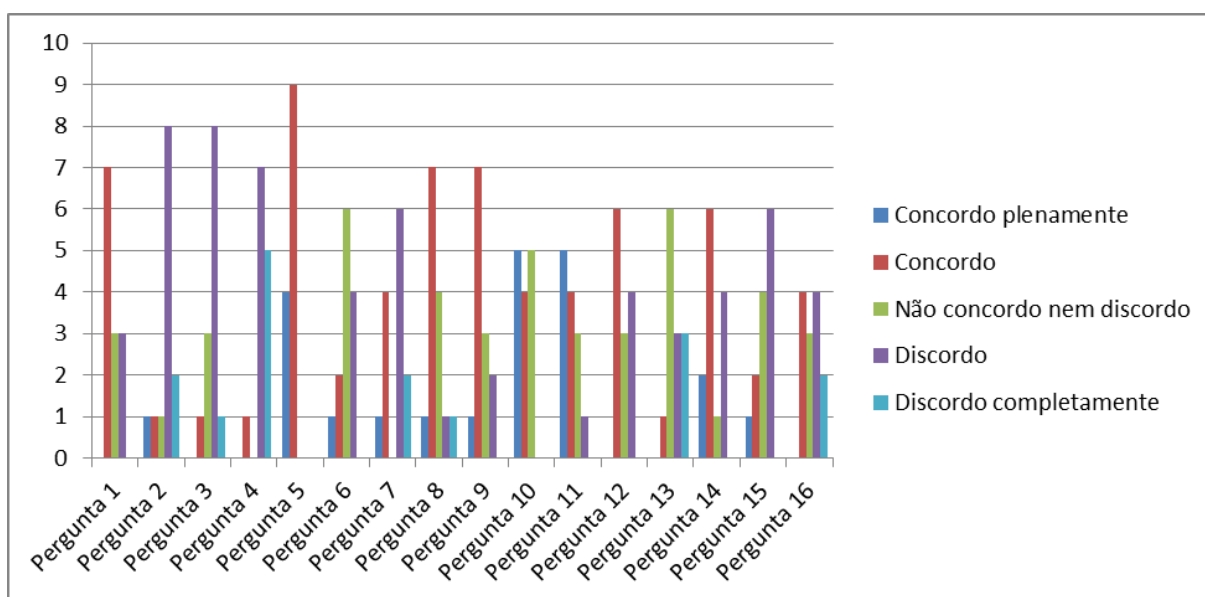
[24] **repetição**. E acho que ler ajuda bastante também. (A.4.EE2, grifo nosso)

[25] **Gostar**. Acho que gostar é a base. (A.3. EE1, grifo nosso)

[26] **Treino**. Treino é ter contato contínuo com aquilo que foi passado, ter continuidade. (A.1.EE2, grifo nosso)

4.5 AS CRENÇAS EM RELAÇÃO À APRENDIZAGEM DOS KANJI

Convém lembrar que as crenças são pessoais, contextuais, episódicas e têm origem nas nossas experiências, na cultura e no folclore (BARCELOS, 2001, p. 73). Os dados coletados do questionário adaptado de BALLI (HORTWIZ, 1987), a respeito das crenças seguem conforme a tabela abaixo:

FIGURA 2 – DADOS COLETADOS ATRAVÉS DO QUESTIONÁRIO 1

(figura nossa)

Dentro dessa definição e comparando as marcações do questionário adaptado de BALLI, vale informar que o percentual representado no final de cada crença identificada consiste na soma das respostas, as respostas “concordo plenamente” e “concordo” somadas juntas, assim como as respostas “discordo completamente” e “discordo” foram somadas juntas; assim, identificamos as seguintes crenças em relação à aprendizagem dos *kanji*:

- Crença de que a fluência na leitura e escrita dos *kanji* não representa o domínio da língua japonesa mais do que a fluência na fala e na compreensão auditiva (77%);
- Crença de que não é necessário ir ao Japão para ter a fluência na leitura e escrita dos *kanji* (69%);
- Crença de que os recursos eletrônicos e digitais não dificulta a aprendizagem dos *kanji* (92%);
- Crença de que existem pessoas que possuem mais facilidade em aprender *kanji* do que outras (100%);
- Crença de que deveriam existir, no curso, aulas voltadas exclusivamente ao ensino de *kanji* (69%);
- Crença de que se sentem estagnados na aprendizagem dos *kanji* (61%).

Vale ressaltar que as crenças aqui apresentadas, foram baseadas conforme o percentual de respostas com maior grau de representatividade fornecido pelos participantes, e, expostas aqui não necessariamente, na ordem decrescente.

4.6 MATERIAIS UTILIZADOS PARA O ESTUDO DOS *KANJI*

Esta seção dedica-se aos materiais didáticos complementares ou técnicas utilizadas pelos participantes. Abaixo, alguns dados obtidos através da entrevista.

- [26] material didático, não. Mas minha técnica é fazer *flashcards* dos *kanji* para não esquecer. Outra técnica que uso é criar uma historinha para o *kanji*, por exemplo, tem o arroz (米); e tem o radical que parece caminho, aí eu imagino uma cena falando para jogar arroz no caminho para não se perder (迷). (A.3.EE2, palavras entre parênteses nossas)
- [27] tenho [...] fora o material dado pela faculdade, uso um programa de computador chamado *JWPCE*. Tenho um programa de computador que me ajudam a procurar certos *kanji*. (A.5.EE1)

Ao analisar os dados retirados da entrevista, notamos que com exceção dos dois participantes citados acima, os demais não utilizam um material didático complementar para o estudo dos *kanji*.

- [28] Eu uso somente o material da faculdade. (A.2.EE1)
- [29] Não. A única coisa que faço é achar um *kanji*, pegar seu significado e leitura. (A.6.EE1)

4.6.1 Crenças a respeito de recursos digitais

Esta seção fora desenvolvida para expor as crenças a respeito do uso de recursos digitais fornecidos por aplicativos de *smartphones*, dicionários eletrônicos, entre outros. Dividimos as crenças entre aqueles que creem que os aplicativos atrapalham na memorização ou no estudo dos *kanji* e nos que creem que facilitam na aprendizagem dos *kanji*.

4.6.1.1 Crença de que recursos digitais ajudam na aprendizagem dos *kanji*

Todos os participantes que afirmaram que os recursos digitais são benéficos à aprendizagem dos *kanji*, defenderam que o uso do aplicativo como consulta, pode causar uma certa acomodação em relação à aprendizagem. Porém, ao utilizar como ferramenta para

complementar nos estudos, tais como aplicativos que permitem a revisão, ou na organização de *flashcards* digitais.

[30] na verdade torna mais fácil. Porque no aplicativo você ganha mais tempo para buscar a informação. (A.1.EE2)

[31] Pode trazer problema a partir do momento que você depende dele para a consulta, você perde interesse em memorizar. Eu uso o aplicativo para memorizar, então, não vejo problema. (A.5.EE1)

[32] acho que o fato de você se dar o trabalho de procurar o *kanji*, faz que você aprenda (o *kanji*). Acho que só não pode se tornar dependente daquilo. (A.3.EE2, palavra entre parênteses nosso)

[33] Isso depende da pessoa, se a pessoa quer aprender, ela vai aprender.

[34] para mim, é impossível ler um texto inteiro só com aparelho eletrônico. Não dá. [...] para mim, é totalmente desvinculado. Eu uso, mas eu uso para não me viciar. (A.8.EE1)

4.6.1.2 Crença de que recursos digitais não ajudam na aprendizagem dos *kanji*

O outro grupo que afirma que o aplicativo trouxe uma facilidade ao acesso à informação, muito prático para consulta, mas que não estimula a aprendizagem dos *kanji*.

[35] uma zona de conforto [...]. Eu uso demais ele. Eu tento me policiar para tentar lembrar. Facilitou tanto que complicou. (A.4.EE1)

[36] Eu acho que ajuda na questão de conseguir um resultado mais rápido. Aperfeiçoa mais seu tempo de estudo, mas por outro lado perde muito suas chances de escrever e isso prejudica bastante. Acho que ajuda mas também atrapalha na escrita, talvez não para a leitura, acho que prejudica na memorização. (A.2.EE2)

[37] Se o aplicativo me deu o *kanji* em 5 segundos, acho que se você me perguntar daqui 5 minutos, eu nem vou lembrar o que o aplicativo me deu, então acho que quanto mais a informação for rápida, mais rápido nós esquecemos. (A.4.EE2)

[38] Sim, porque ele faz a ordem dos traços sozinho e você fica olhando sem fazer (escrever) [...] é melhor o manualzinho (livro físico) mesmo. (A.1.EE1, palavras entre parênteses nosso)

[39] você acaba ‘ah, só pegar esse *kanji* rapidinho’. Procura mais e aprende menos. (A.3.EE1)

4.7 ESTRATÉGIAS DOS PARTICIPANTES EM REALÇÃO À APRENDIZAGEM DOS KANJI

As seguintes crenças estão relacionadas às estratégias de aprendizagem dos *kanji* adotadas pelos participantes, ou seja, de que maneira os participantes estudam os *kanji*. Para a análise, foram coletados, principalmente, dados quanto ao tempo de estudo dos *kanji*

dos participantes, a forma de como tem estudado até o presente momento, técnica específica ou material complementar utilizado (ou não) pelos participantes e crenças relacionadas aos recursos digitais para a consulta dos *kanji*.

Vale ressaltar que todas as estratégias aqui apresentadas e classificadas, foram conforme a descrição dos participantes; a classificação não foi baseada em teorias de aprendizagem da Linguística Aplicada.

4.7.1 As estratégias de aprendizagem dos *kanji*

Conforme referido na seção 2.4, “O conceito da palavra Estratégia é multidisciplinar e por isso se encontra presente em diversas áreas científicas independentes [...] Assim, Estratégia é, de maneira geral, um planejamento para alcançar um resultado que se deseja” (OLIVEIRA, 2011, p. 29).

Sendo o objetivo de a presente pesquisa investigar quais são as estratégias para se alcançar a aprendizagem dos *kanji*. Foram coletados diversos dados e esses foram classificados da seguinte maneira: repetição, memorização visual, associação do *kanji* a uma história, leitura de textos.

4.7.2 Estratégia da repetição

A repetição dos *kanji* foi a estratégia adotada pela grande maioria dos participantes. A repetição descrita pelos participantes que adotam essa estratégia consiste em escrever o(s) *kanji* a serem estudados várias vezes até a escrita do *kanji* se tornar um tanto “automático”. Abaixo, algumas falas retiradas da entrevista:

[40] Não lembro, porque eu morei no Japão. Então lembro como foi meu processo de aprendizagem dos *kanji*. Acho que era repetição [...] Eu quase não aprendi *kanji* novo para escrever aqui no Brasil [...] eu acho que lá a gente escreve bastante, o professor mostra como é a ordem de escrita. (A.4.EE2)

[41] eu fico repetindo ele (*kanji*) porque tenho memória ruim. (A.5.EE1, palavras entre parênteses nosso)

[42] Eu tenho uma ideia de estudo de *kanji* bem própria, eu acho que você tem que ter uma ‘memória muscular’, pro *kanji*. Eu pratico o *kanji* escrevendo 1001 (mil e uma) vezes. Porque quando você o escreve, você não pensa nele, só escreve. (A.4.EE1, palavras entre parênteses nosso).

[43] Eu estudei através de memorização e repetição. Primeiro eu memorizava a figura e depois de memorizar, eu repetia por muito tempo. (A.2.EE1)

Sendo a estratégia de a repetição representar grande parte das estratégias adotadas pelos participantes, e, sendo necessariamente, ser escritos a mão; Gamage (2003) e Oxford (1994) afirmam que o comportamento mais comum na aprendizagem de línguas é o estudo baseado na escrita a mão.

Estilos de aprendizagem a mão, são definidos como o comportamento mais comum na aprendizagem de línguas (OXFORD, 1994 apud GAMAGE, 2003, p.1 , tradução nossa) .³

4.7.3 A estratégia visual

Essa crença da estratégia consiste em produzir estímulos visuais através de aplicativos de celular, *flashcards* (digitais ou não), assim, a repetição de tais estímulos deve levar à aprendizagem dos *kanji*.

[44] eu estudo só olhando. Eu só escrevo o significado, escrevo no papel e fico só olhando. Neste semestre, estou pensando em escrever todos os *kanji* que aprendi num livretinho, e colocar todas as leituras *kun* e *on* para eu ficar olhando. (A.6.EE1)

[45] Primeiramente eu escrevo, eu tento fazer *flashcards* para memorizar, outras vezes eu tento ver as partes dos *kanji* e tentar ver o que significa por meio dos radicais [...] não consigo aprender assim (repetição). É mais visual mesmo. (A.3.EE1)

4.7.4 A estratégia de associação por alguma história

Essa estratégia consiste em associar cada *kanji* a uma história, fictícia ou não, ou seja, independente da etimologia do *kanji*; com a intenção de facilitar a aprendizagem. A associação por alguma história pode ser por questões imagéticas ou pelas ideias transmitidas no *kanji*.

³ Texto original: Learning styles on the hand are defined as more general behaviours in language learning (Oxford 1994 apud Gamage, 2003).

[46] não consigo memorizar um *kanji* simplesmente repetindo ou vendo ele várias vezes [...] se não tiver uma história na minha cabeça eu esqueço muito rápido. [...] depois comecei estudando *kanji* pela ordem que o livro me dava. Mas eu percebi que, também, esquecia muito. Usava muito a repetição, mas eu esquecia muito fácil. Agora mudei. Tento fazer poucas vezes por dia, e tentar lembrar ao longo do meu dia. Mas o que tem dado certo agora é estudar as partes dos *kanji*. Por exemplo, *suki* (好き) é uma mulher e um filho. Então eu vejo uma relação de ‘gostar’ [...] eu gosto muito de um que chama *kanji wa muzukashikunai*. Esse (livro) que me ensinou a construir uma história. Por exemplo, o primeiro *kanji* que tem no livro é o *sakura*. Tem o *ki* (木) e depois tem uma mulher e tem o *tsu* (ツ) e esse *tsu* (ツ) é como se fosse o enfeite dessa mulher. Quando faço só mecanicamente, eu não aprendo. (A.8.EE1, palavras entre parênteses nosso)

4.7.5 A estratégia de estudar os *kanji* através dos textos

A estratégia consiste na leitura de textos, sendo esses trabalhados pelos professores de diversas disciplinas ou buscados pelos próprios participantes. Em outras palavras, por meio de textos fornecidos pelos professores, ou textos escolhidos pelos próprios participantes, a estratégia é baseada no contexto em que os *kanji* encontram-se no corpo do texto. Ou seja, a medida que surgirem *kanji* que não conhecem durante a leitura do texto, a estratégia consiste em pesquisar seu significado e suas outras leituras (*on* e *kun*) e estudar as aplicações em outros possíveis. A seguir, algumas explicações por parte dos participantes a respeito da estratégia de estudar *kanji* fornecidos durante a entrevista;

[47] Pegando os textos das aulas de literatura, vou separando os *kanji* numa folha separada e pego as leituras *kun* e *on*.(A.6.EE1)

[48] Se essa semana li um livro de determinado autor [...] eu pego os *kanji* que não tenho o conhecimento, abro o *aedict* (aplicativo de *smartphone*) e separo-os (*kanji*) numa folha e tento associar a um contexto ou procurar encaixar em um outro contexto (A.4.EE1, palavras entre parênteses nosso)

[49] Não é que eu não goste. Mas eu sei que se eu quero saber japonês, eu preciso aprender *kanji*. Então eu tento tirar o máximo de prazer com os *kanji*. Por isso tento ler *kanji* lendo uma letra de uma música, lendo *mangá*. (A.8.EE1)

[50] Aprendo muito mais lendo do que conversando. Sem *kanji* você não vai conseguir dominar a língua por completo. (A.2.EE1)

[51] Normalmente eu pego o texto que o *sensei* passa, ou de algum site também e fico repetindo [...] não costumo pegar as leituras dos *kanji*.(A.5. EE1)

4.8 AS RELAÇÕES ENTRE CRENÇAS E AS ESTRATÉGIAS SDE APRENDIZAGEM DOS *KANJI*

Nesta seção estabelecemos as relações identificadas entre as crenças dos participantes e as estratégias adotadas por cada um. Classificamos conforme as crenças expostas nas seções anteriores e os dados coletados durante a entrevista ou no questionário aplicado.

4.8.1 Dicionário eletrônico e a estratégia da repetição

Conforme a seção 4.6.1 desta pesquisa, a maioria dos participantes afirmaram o uso de dicionários digitais ou aplicativos para *smartphones* que permitem uma rápida busca da leitura e significado dos *kanji*. Bem como a estratégia da repetição dos *kanji*, conforme a seção 4.7.1 apresentada neste trabalho foi a estratégia mais adotada entre os participantes desta pesquisa. Portanto, estabelecemos uma relação com o uso de recursos digitais e a estratégia da repetição, pois percebemos que, em ambos, a preferência de uso da grande maioria dos participantes.

Quanto à crença do uso de dicionários eletrônicos, aplicativos para *smartphones* de que seu uso os auxilia no estudo dos *kanji*, permite um rápido acesso à informação e os auxilia também com exemplos de sentenças expondo as possíveis combinações. Trazemos aqui, uma das falas da entrevista de um participante:

[52] Pode trazer problema a partir do momento que você depende dele para a consulta, você perde interesse em memorizar. Eu uso o aplicativo para memorizar, então, não vejo problema. (A.5.EE1)
[...] tenho [...] fora o material dado pela faculdade, uso um programa de computador chamado *JWPCE*. Tenho um programa de computador que me ajuda a procurar certos *kanji*. (A.5.EE1)

Podemos perceber que há uma concordância entre a crença e a estratégia adotada pelo participante A.5.EE1, a crença de que não há problema em utilizar o aplicativo com a finalidade de memorizar dos *kanji* e a estratégia de aprendizagem utilizando um programa de computador para consulta e aprofundamento do estudo dos *kanji*.

4.8.2 Tempo dedicado aos estudos de *kanji*, motivação e palavra-chave

Foram analisadas nesta seção as relações entre o tempo dedicado aos estudos de *kanji*, a motivação do ingresso à Universidade e a palavra-chave que melhor representa a aprendizagem dos *kanji*. A fim de estabelecermos um melhor recorte para pesquisa, adotamos aqui o tempo dedicado somente ao estudo de *kanji*.

Como citado na seção 4.4, a palavra-chave mais frequente na entrevista foi a palavra “dedicação”.

[53] **dedicação.** Significa repetir, buscar informações por vontade própria. Não pela exigência de um professor. Estudar sempre que possível. (A5.EE1, grifo nosso)

[54] **Dedicação.** Aquela disciplina né. Já que você não está imerso numa cultura, você tem que estudar todo dia. (A.6.EE1, grifo nosso)

Apesar da frequente crença de que se deve existir uma dedicação nos estudos de *kanji*, os participantes afirmam que não dedicam muito tempo para o estudo dos *kanji* (entende-se aqui, tempo somente para estudo de *kanji*, consideramos todos tipos de estratégias).

[55] [...] por dia, eu tiro por volta de 30 min [...] eu tiro 4h de estudos de japonês em geral, e desse tempo, tiro em média, até 1h só para *kanji*. (A.5. EE1)

[2] Nesse semestre estou estudando todos os dias. Porque peguei algumas matérias mais avançadas como literatura, aí eu preciso estudar as leituras do *kanji* do texto. Mas eu não estudo os *kanji* porque não tenho tempo para isso, só a leitura mesmo. (A.6.EE1)

Ao relacionarmos as falas dos dois participantes acima, notamos que apesar de afirmarem que a dedicação é a melhor palavra-chave que representa o processo de aprendizagem dos *kanji*, dedicam pouco tempo nos estudos dos *kanji* propriamente ditos. E apesar do participante A.6.EE1 não informar a intensidade em horas o tempo de estudo dos *kanji*, nos informou a frequência de seus estudos dos *kanji*.

4.8.3 Material didático complementar e estratégia visual

Nesta seção são analisadas relação entre o material didático complementar e a estratégia baseada nos estímulos visuais (através do uso *flashcards* ou não). Como

apresentado na seção 4.6 desta pesquisa, a respeito dos materiais ou recursos complementares utilizados no processo de aprendizagem dos *kanji* pelos participantes, muitos afirmaram que o material utilizado não é um livro didático complementar, mas sim o dicionário eletrônico ou aplicativos desenvolvidos para *smartphones*. Conforme a seção 4.7.3 desta pesquisa, sobre a estratégia baseada em constante estímulo visual, estabelecemos a relação conforme a fala do participante entrevistado abaixo:

[56] eu estudo só olhando. Eu só escrevo o significado, escrevo no papel e fico só olhando. Neste semestre, estou pensando em escrever todos os *kanji* que aprendi num livretinho, e colocar todas as leituras *kun* e *on* para eu ficar olhando. (A.6.EE1)

[...] Pegando os textos das aulas de literatura, vou separando os *kanji* numa folha separada e pego as leituras *kun* e *on*. (A.6.EE1)

Podemos perceber que há uma concordância entre a crença do participante A.6.EE1 de que o estímulo visual é efetivo e a estratégia na leitura dos *kanji* nos textos literários sugeridos pelos professores de outras disciplinas. Vale ressaltar que classificamos algumas estratégias do participante A.6.EE1 tanto na estratégia visual como na estratégia da leitura através dos textos.

4.8.4 Material didático complementar e estratégia de associação por uma história

Como apresentado na seção anterior e na seção 4.6 desta pesquisa, a respeito dos materiais ou recursos complementares utilizados no processo de aprendizagem dos *kanji*, diversos participantes afirmaram que o material utilizado não é um livro didático complementar, mas sim o dicionário eletrônico ou aplicativos desenvolvidos para *smartphones*. Conforme a seção 4.7.4 desta pesquisa, apresentada a estratégia baseada na criação de uma história (para dar significação ao estudante) fictícia ou não, ou seja, não necessariamente tendo como base a etimologia do *kanji*. Retomamos a fala do participante durante a entrevista a respeito dessa associação da imagem do *kanji* com alguma história inventada (ou não) pelo estudante:

[57] não consigo memorizar um *kanji* simplesmente repetindo ou vendo ele várias vezes [...] se não tiver uma história na minha cabeça eu esqueço muito rápido. [...] depois comecei estudando *kanji* pela ordem que o livro me dava. Mas eu percebi que, também, esquecia muito.

Usava muito a repetição, mas eu esquecia muito fácil. Agora mudei. Tento fazer poucas vezes por dia, e tentar lembrar ao longo do meu dia. Mas o que tem dado certo agora é estudar as partes dos *kanji*. Por exemplo, *suki* (好き) é uma mulher e um filho. Então eu vejo uma relação de ‘gostar’ [...] eu gosto muito de um que chama *kanji wa muzukashikunai*. Esse (livro) que me ensinou a construir uma história. Por exemplo, o primeiro *kanji* que tem no livro é o *sakura*. Tem o *ki* (木) e depois tem uma mulher e tem o *tsu* (ツ) e esse *tsu* (ツ) é como se fosse o enfeite dessa mulher. Quando faço só mecanicamente, eu não aprendo. (A.8.EE1, palavras entre parênteses nosso)

Quanto ao material didático complementar utilizado pelo participante A.8.EE1 é o *Kanji wa muzukashikunai* e como outro material complementar, utiliza o aplicativo para *smartphone* mas afirma que não usa para o seu próprio estudo não tornar-se dependente do aparelho.

[58] para mim, é impossível ler um texto inteiro só com aparelho eletrônico. Não dá. [...] para mim, é totalmente desvinculado. Eu uso, mas eu uso para não me viciar. (A.8.EE1)

Vale ressaltar que não entraremos no mérito da discussão quanto ao material didático *Kanji wa muzukashikunai*, propriamente dito, citado pelo A.8.EE1, já que não faz parte do recorte pretendido para esta pesquisa.

Podemos perceber que há uma concordância entre a crença do participante de que a criatividade em criar mecanismos mnemônicos facilitam a aprendizagem é importante e com as estratégias adotadas pelo mesmo, de que não há como ler um texto inteiro usando algum tipo de material eletrônico pois deve-se memorizar através das técnicas citadas pelo A.8.EE1.

4.8.5 Os recursos eletrônicos e a estratégia da leitura de textos

Nesta seção foram analisadas a crença a respeito dos recursos eletrônicos e a estratégia da leitura textos, inclui-se aqui, didáticos e não didáticos, foram considerados quaisquer textos encontrados na *internet* e inclusive textos literários sugeridos por professores de diversas disciplinas. Conforme a seção 4.6 deste trabalho a respeito das crenças quanto aos usos de recursos eletrônicos, tendo uma função como uma espécie de material didático complementar. Tendo função, ou não, para consultas de significados, traduções e até

exemplos quanto ao uso do termo ou da expressão idiomática, presentes em todos os tipos de textos encontrados na *internet*, inclusive, ou melhor, principalmente em textos literários. A seguir, as crenças de um dos participantes em relação às estratégias de aprendizagem dos *kanji* através da leitura de textos não didáticos, os excertos abaixo são das entrevistas:

[59] Se nesta semana li um livro de determinado autor [...] eu pego os *kanji* que não tenho o conhecimento, abro o *aedict* (aplicativo de *smartphone*) e separo-os (*kanji*) numa folha e tento associar a um contexto ou procurar encaixar em um outro contexto (A.4.EE1, palavras entre parênteses nosso)
 [...] Eu tenho uma ideia de estudo de *kanji* bem própria, eu acho que você tem que ter uma ‘memória muscular’, pro *kanji*. Eu pratico o *kanji* escrevendo 1001 (mil e uma) vezes. Porque quando você o escreve, você não pensa nele, só escreve. (A.4.EE1, palavras entre parênteses nosso).

Percebe que o participante A.4.EE1, na verdade, a estratégia da repetição aplicada à leitura de textos, no caso, literários. O participante utiliza também dicionários eletrônicos disponíveis nos aparelhos de celular *smartphone* mas afirma que, para ele, é uma zona de conforto e precisa se policiar para criar independência do aplicativo, segue um trecho de sua fala da entrevista:

[60] uma zona de conforto [...]. Eu uso demais ele. Eu tento me policiar para tentar lembrar. Facilitou tanto que complicou. (A.4.EE1)

Percebe-se apesar de haver concordância na crença e na estratégia, a ferramenta utilizada para facilitar o processo de aprendizagem dos *kanji*, para A.4.EE1, tornou-se uma zona de conforto na aprendizagem. A estratégia adotada pelo participante tem a crença, conforme a seção 4.1 desta pesquisa, de que se sente estagnado no que se refere à aprendizagem dos *kanji*.

[61] Sinto-me estagnado devido à dificuldade com os *kanji*. (A.4.EE1)

A origem da crença da estagnação da aprendizagem não foi abordada nesta pesquisa, sobretudo, ao analisar as falas do participante, percebe-se que apesar da combinação da estratégia de leitura de textos e a técnica da repetição, o participante encontrou uma dificuldade na própria ferramenta que o auxilia no processo de aprendizagem.

4.8.6 Considerações finais

Definir como e o quanto uma crença influencia ou está sendo influenciada nas escolhas das estratégias de aprendizagem também necessita de uma investigação mais detalhada. Sabendo que um tempo maior de investigação é necessário, propomos uma elucidação de uma relação cíclica entre as crenças desses aprendizes e as suas estratégias quanto à aprendizagem dos *kanji*. Por se tratar de uma relação cíclica e individual, não há como afirmar qual estratégia de aprendizagem é mais efetiva, ou classificar a qualidade de aprendizagem. Porém, analisando os dados coletados desta pesquisa, verificamos que o tempo médio dedicado ao estudo dos *kanji* é um tanto inferior ao que se imaginava antes de iniciarmos a pesquisa. Podemos afirmar que, o rendimento da aprendizagem dos *kanji*, independentemente da estratégia adotada, tem relação direta com o tempo dedicado para a aprendizagem.

Outro aspecto com extrema carência em termos de discussões na área é quanto à utilização das ferramentas digitais e a sua relação com a chegada de novas gerações de estudantes que ingressam em um curso de língua japonesa no ensino superior. Não podemos afirmar que a dificuldade de aprendizagem dos *kanji* está mais intensa do que algumas gerações atrás, pois cada geração possui característica que os impulsiona e outra que as impede de prosseguir. Portanto, torna-se necessário um estudo mais aprofundado a respeito das características da aprendizagem dessas gerações, e assim, criar novas ou até (re)formular as antigas estratégias de ensino de línguas nas universidades.

Como visto ao longo da pesquisa, os participantes compartilham algumas crenças, entre elas, a complexidade dos *kanji* e, conseqüentemente, sua dificuldade, relatadas por estudiosos (BOURKE, 1996; DOUGLAS, 2004; SUNAKWA, 2010 et al.. 2000 apud OLIVEIRA, 2011, p.127) Portanto, percebeu-se que os participantes utilizam diversos tipos de estratégias, misturando-as, criando novas técnicas com a finalidade de sanar esse problema existente. Todos os participantes afirmaram que utilizam a *internet* ou algum meio digital, considera-se aqui os dicionários digitais e aplicativos de telefone celular, para os auxiliarem na aprendizagem dos *kanji*.

Torna-se necessário, também, a reflexão sobre o próprio processo de aprendizagem em que os aprendizes passam ou passarão. Por não ser um hábito comum, a reflexão não possui um enfoque por parte dos aprendizes. Segundo Mukai e Conceição (2012) é necessário um trabalho conjunto envolvendo professores e alunos e demais agentes na conscientização dos benefícios da reflexão educacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo tratou das crenças nas estratégias de aprendizagem de *kanji* de um curso de Letras-Japonês de uma universidade pública do Distrito Federal.

A partir da análise dos dados coletados através dos instrumentos descritos na seção 3.5 desta pesquisa, juntamente com as bases teóricas e metodológicas conseguimos responder às perguntas de pesquisa que nortearam o presente trabalho, sendo assim, retomamos as perguntas agora.

A primeira pergunta de pesquisa estava relacionada às crenças dos participantes em relação à aprendizagem dos *kanji*: a) **Quais são as crenças dos participantes em relação à aprendizagem dos *kanji*?** Identificamos diversas crenças, porém a mais dita entre os participantes é a crença da dificuldade de aprendizagem em relação aos *kanji*, mas apesar dessa crença, os participantes afirmam que o domínio da língua escrita ou oral está diretamente associado ao contexto e objetivo desejado a ser alcançado. Nota-se a importância dada pelos participantes a respeito da competência comunicativa em língua japonesa, um dos temas abordados por Feijó (2010) e Mukai (2014). Durante as observações, percebemos que o ensino de *kanji* não é o foco principal e, portanto, não se ensina *kanji* propriamente dito nessas disciplinas, pois não consta na ementa da mesma.

Prosseguindo, a segunda pergunta de pesquisa estava relacionada às estratégias de aprendizagem dos *kanji*: b) **Quais são as estratégias dos participantes em relação à aprendizagem dos *kanji*?** Podemos identificar várias estratégias adotadas pelos participantes através desta pesquisa. Dentre elas, a estratégia mais dita entre os participantes foi a estratégia da repetição, a estratégia da frequência segundo alguns teóricos. Apesar da repetição ser a mais comum entre os participantes, outras estratégias foram identificadas; a estratégia baseada em estímulos visuais, a estratégia da associação ou invenção de uma história para o *kanji* estudado e a estratégia da leitura de textos. Durante a observação das aulas, percebemos que os participantes da pesquisa consultavam em demasia o dicionário eletrônico ou o aplicativo disponível nos *smartphones*, portanto, apesar de alguns alegarem a não utilização do recurso, a maioria o utiliza para acompanhar as aulas ou para realizar as atividades.

A terceira e última pergunta estava na relação existente entre as crenças e as estratégias de aprendizagem dos *kanji*: c) **Quais são as relações entre as crenças e as estratégias de aprendizagem dos *kanji* dos participantes?** Baseado nos dados analisados do

questionário e das entrevistas, percebemos que em algumas crenças e suas estratégias nela baseadas, há uma concordância e coerência nas ações demonstradas pelos participantes, já em outros casos, encontrou-se uma discordância quanto à crença e a estratégia que, na verdade, não está baseada nela. Como por exemplo, os participantes que adotam a estratégia da repetição como base dos estudos de *kanji* e utilizam os recursos de *flashcards* (digitais ou não), já em outros exemplos, os participantes têm a crença de que deve-se haver uma dedicação, um estudo constante, mas em sua prática, investem poucas horas de estudo dos *kanji*. Nesses casos, a sensação de estagnação em relação aos *kanji* foi identificada.

5.1 CONTRIBUIÇÕES DO ESTUDO

O presente estudo teve como propósito de contribuir para uma reflexão inicial sobre as crenças dos aprendizes a respeito dos *kanji*, para que assim, possamos refletir sobre o ensino-aprendizagem dos *kanji* nas instituições de nível superior. A necessidade de estudos mais aprofundados a respeito das características de aprendizagem das gerações para a (re)formulação de estratégias e técnicas de ensino-aprendizagem da língua japonesa como língua estrangeira, sobretudo a respeito de língua escrita.

5.2 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

A primeira limitação que foi em relação ao tempo. Infelizmente um semestre é um período de tempo muito curto para realizar esta pesquisa em um âmbito mais profundo. Sendo assim, o tema apresentado é apenas um recorte.

O tempo para a entrevista e coleta de dados com os participantes também foi uma limitação, pois se houvesse mais tempo para entrevistar, teríamos um estudo mais enriquecido.

Quanto à bibliografia, a falta de pesquisas envolvendo a língua japonesa, sobretudo, a respeito de língua escrita japonesa é escassa no âmbito brasileiro. Apesar da existência de diversas pesquisas publicadas em outras línguas, principalmente, na língua inglesa, a falta de pesquisas no contexto brasileiro tornou-se uma limitação. Por isso é importante que as pesquisas envolvessem a língua japonesa cresçam no Brasil.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Vieira. **Crenças e ensino de línguas – foco no professor, no aluno e na formação de professores** / Ana Maria Ferreira Barcelos e Maria Helena Vieira Abrahão (orgs.). - Campinas, SP : Pontes Editores, 2006.

ALMEIDA FILHO, J. C. **Maneiras de compreender linguística aplicada**. Universidade Estadual de Campinas, Unicamp.

_____. **Ensino de Línguas e Comunicação**. Campinas, SP: Pontes Editores e ArteLíngua, 4.ed., 2011.

ALMEIDA S. D. **Introdução à Linguística Aplicada e sua utilidade para as pesquisas em sala de aula de Língua Estrangeira**. UFRJ, 2008. Texto resultante do trabalho apresentado no I Simpósio de Estudos Filológicos e Linguísticos, promovido pelo CiFEFiL e realizado na FFP(UERJ), de 3 a 7 de março de 2008.

BARCELOS, A. M. F. **A cultura de aprender línguas estrangeiras (inglês) de alunos formandos de letras**. 1995. 220f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, 1995.

_____. **Crenças sobre aprendizagem de línguas, Lingüística Aplicada e ensino de línguas**. *Linguagem & Ensino*, Vol. 7, No. 1, 2004 (123-156).

_____. **Metodologia de Pesquisa das Crenças sobre Aprendizagem de Línguas: Estado da Arte**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v1, n1, 71-92, 2001.

BROWN, H. D. **Principles of Language Learning and Teaching**. 5.ed., New York: Pearson Education Inc., 2007.

CELANI, M. A. A. Afinal, o que é Lingüística Aplicada? In: ZANOTTO PASCHOAL, M. S.; CELANI, M. A. A (Orgs.). **A Lingüística Aplicada: da aplicação da Lingüística à Lingüística transdisciplinar**. SP: Educ., 1991, p. 15-23.

COHEN, A. D. Strategy instruction for learners of Japanese: How do you do it and what's in it for them? In: HATASA, Y. A. (Org.). **Gaikokugo to shite no Nihongokyôiku**:

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**/John. W. Creswell; tradução Magda Lopes; consultoria; supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva – 3. ed. - Porto Alegre: Artmed, 2010. 296 p.:il. 23 cm.

FEIJÓ, F. R. **Crenças de alunos brasileiros (de japonês como LE) em relação à competência comunicativa em Língua Japonesa**. 2010. 68f. Trabalho de conclusão de curso. (Graduação em Letras – Japonês, licenciatura) – Universidade Federal de Brasília.

GAMAGE, G. H. Issues in Strategy Classifications in Language Learning: **A Framework for Kanji Strategy Research**. University of Wollongong, 2003.

HEISIG, J. W. **Remembering the Kanji 1: A Complete Course on How Not to Forget the Meaning and Writing of Japanese Characters**. 5th Ed, 2007.

MILLER, R. A. **The Japanese Language**. University Press of Chicago. 1967. Published by the Charles E. Tuttle Company Inc. Of Rutland, Vermont and Tokyo, Japan with editorial offices at Suido 1-chome, 2-6 Bunkyo-ku, Tokyo, Japan

MOITA LOPES, L. P. **Oficina de Lingüística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino/aprendizagem de línguas**. 5. reimpressão. Campinas-SP, Mercado de Letras Edições e Livraria Ltda., 2003 (1. ed., 1996).

MUKAI, Yûki. Crenças e necessidades em relação à escrita do japonês: nos casos dos estudantes universitários brasileiros e portugueses. **Linguagem & Ensino**, v.17, n.2, p.391-440, 2014.

MUKAI, Y.; CONCEIÇÃO, M. P. Aprendendo língua japonesa: crenças, ações e reflexões de uma aluna brasileira de japonês como língua estrangeira. In: MUKAI, Y.; JOKO, A. T.; PEREIRA, F. P. (Orgs.). **A Língua Japonesa no Brasil: reflexões e experiências de ensino e aprendizagem**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2012, p. 111-154.

NUNAN, D. **Research Methods in Language Learning**. 1.ed., Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

OGASSAWARA, A. T. **O ensino da língua escrita japonesa: um estudo terminológico bilíngue (japonês-português)**. 2006. 223f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade Federal de Brasília, 2006.

OLIVEIRA, A. W. M. **É assim que escrevo: Estratégias de aprendizagem de kanji e crenças de língua japonesa em formação**. 2013. 179f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Brasília, 2013. UnB. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em 3 mar. 2015.

PAIVA, V. L. M. O. Reflexões sobre ética na pesquisa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte. Vo. 5, n.1. p. 43-61, 2005. Disponível em: <<http://www.veramenezes.com/etica.htm>>. Acesso: 13 de maio de 2015.

RIBEIRO, P. Não importa a motivação, o que você precisa é de disciplina. Disponível em: <<http://www.papodehomem.com.br/nao-importa-a-motivacao-o-que-voce-precisa-e-disciplina>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

_____. Se eu fosse aprender inglês de novo, é assim que eu faria. Disponível em: <<http://www.papodehomem.com.br/se-eu-fosse-aprender-ingles-de-novo-e-assim-que-faria/>>. Acesso em 18 fev. 2015.

SUZUKI, T. A escrita japonesa. **Estudos japoneses** (USP), São Paulo, v.5, p. 53-61, 1985.

TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula: o que é, como se faz**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

TELLES, J. A. É pesquisa, é? Ah, não quero, não, bem! Sobre pesquisa acadêmica e sua relação com a prática do professor de línguas. **Linguagem & Ensino**, vol. 5, n. 2, p. 91-116, 2002.

VIEIRA-ABRAHÃO, M., H. A. Metodologia na investigação das crenças. In: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (Orgs.). **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no aluno e na formação de professores**. 1. Ed., Campinas – São Paulo: Pontes Editores, 2006, p. 219-231.

VILAÇA, M. L. **Pesquisas em Linguística Aplicada: Domínios, Perspectivas e Metodologias**. IN: Almanaque UNIGRANRIO de Pesquisa. – ano IV. Número 1- 2010. Desafios Éticos na Pesquisa. ISSN: 1981 – 5433

LISTA DOS APÊNDICES

Apêndice A – Termo de consentimento da pesquisa

Apêndice B– Carta de solicitação para autorização para pesquisa (Ao Professor)

Apêndice C – Questionário 1

Apêndice D – Roteiro da entrevista semiestruturada

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, li antes de assinar este documento e declaro que concedo ao investigador Lucas Akira Yassui o direito de uso dos dados coletados por meio de questionários escritos e entrevistas orais e concordo em participar voluntariamente da investigação, assegurando que as informações por mim divulgadas serão verídicas. Estou ciente de que:

- A minha participação é de natureza voluntária e que, em momento algum, me senti coagido(a) a participar;
- Posso retirar o meu consentimento e encerrar a minha participação em qualquer estágio da investigação;
- Todas as minhas respostas escritas ou orais permanecerão anônimas e a minha identidade será totalmente resguardada, sendo apenas identificadas por pseudônimo ou código;
- As minhas respostas poderão ser utilizadas no todo ou em parte, em comunicações em congressos, publicações em livros, periódicos impressos ou *online*.
- A minha participação nesta investigação envolverá o preenchimento de questionários escritos e a participação de uma entrevista oral individual.

Fui informado(a) de que terei a minha identidade preservada por pseudônimo ou código, conforme um dos princípios éticos da investigação acadêmica. Afirmo, ainda, que recebi uma cópia deste termo de consentimento.

Brasília, _____ de _____ de
2015.

(assinatura do participante)

APÊNDICE B

CARTA DE SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

(AO PROFESSOR)

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

Ao(À) professor(a)

Sou formando do curso de Letras em Língua e Literatura Japonesa – Licenciatura do UnB e venho por meio desta, solicitar permissão para observar as suas aulas por um período de 2 (dois) meses para coletar dados para minha pesquisa a respeito do ensino e aprendizagem de língua japonesa como língua estrangeira.

Agradeço antecipadamente pela colaboração e disposição.

Brasília, ____ de _____ de 2014.

Pesquisador:

Lucas Akira Yassui

APÊNDICE C

QUESTIONÁRIO SOBRE A HABILIDADE DE “LEITURA E ESCRITA” EM LJ

Estamos realizando uma investigação referente às estratégias, técnicas e métodos do estudo de *kanji* em língua japonesa por parte dos alunos do mesmo idioma. Gostaríamos de ouvir a sua sincera opinião sobre “ler e escrever *kanji*” em língua japonesa no contexto universitário. A presente investigação tem como objetivo enriquecer, aperfeiçoar e contribuir com novas estratégias de aprendizagem de *kanji*, contribuindo também, ao ensino de *kanji* em língua japonesa. Por favor, responda ao questionário. Informamos que utilizaremos os resultados obtidos apenas para o fim de nossa investigação. Todas as informações dadas por você serão feitas de **forma anônima**, ou seja, o seu nome verdadeiro não será revelado. Desde já agradecemos pela colaboração.

Investigador: Lucas Akira Yassui

Orientador: Prof. Dr. Yuki Mukai

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Dep. Línguas Estrangeiras e Tradução

Curso de Letras-Japonês

DADOS PESSOAIS:

Nome: _____

Matrícula: _____ / _____

Instituição onde estuda japonês:

() UnB () Outro: _____

Semestre atual em que você está neste momento:

() semestre

Língua materna: _____

Sexo: () M () F Idade: _____

➤ Você é aluno regular do curso de Japonês?

Sim () Não () Se “não”, escreva seu curso: _____

➤ Você já tinha aprendido japonês antes de ingressar nesta instituição?

Sim () Não ()

Se “sim”, onde e por quanto tempo? _____

➤ Certificado JLPT

() N5 () N4 () N3 () N2 () N1 () Não possuo (級) padrão antigo

➤ Você já esteve no Japão? () SIM () NÃO

Se “sim”, quantas vezes e por quanto tempo? _____

➤ Informe sua(s) língua(s) aprendida(s) antes ou durante os estudos do japonês:

(é permitido marcar mais de 1 item)

() Inglês () Espanhol () Francês () Nenhum () Outro: _____

➤ Com que frequência, com quem e onde você usa o japonês fora da sala de
aula/universidade?_____

QUESTIONÁRIO 1 – PARTE I

1) Onde foi o primeiro contato com os *kanji*? (é permitido marcar mais de 1 item)

() Universidade () Escola de Língua Japonesa () Fora do Brasil () Outro: _____

2) Qual foi a sua motivação para ingressar no curso de Língua e Literatura Japonesa?

Justifique a resposta.

3) Para você, qual é o ambiente (físico) ideal de estudar os *kanji*?

4) Como foi o processo de aprendizagem dos *kanji* da língua japonesa? Poderia descrever-me brevemente?

5) Quais são as suas expectativas em relação à leitura e escrita dos *kanji*?

6) Como se sente em relação à leitura e escrita dos *kanji*?

7) Você pratica a parte escrita do japonês fora da sala de aula? Se sim, como? Se não, por quê? (Serão considerados válidos conversas de bate-papo *online*, leitura de quaisquer textos, estudo focalizado em *kanji* entre outras formas semelhantes)

8) Como vc estuda a parte escrita da língua japonesa?

Quais são suas técnicas/recursos de aprendizagem para o estudo da parte escrita da língua japonesa? Justifique.

QUESTIONÁRIO 1 - PARTE II

Questionário formulado conforme BALLI (HORWITZ, 1987), modificado para a presente pesquisa.

Leia as questões e marque com um X nos espaços abaixo

LEMBRE-SE: Não existem respostas certas ou erradas. Estamos simplesmente interessados em sua opinião.

1) A parte escrita do japonês é muito difícil

() Concordo plenamente () Concordo () Não concordo nem discordo () Discordo () Discordo completamente

2) É necessário ir ao Japão para ter a fluência na leitura e escrita dos *kanji*.

() Concordo plenamente () Concordo () Não concordo nem discordo () Discordo () Discordo completamente

3) Os recursos eletrônicos mais dificultaram do que facilitaram a aprendizagem dos *kanji*.

() Concordo plenamente () Concordo () Não concordo nem discordo () Discordo () Discordo completamente

4) Existem pessoas que possuem mais facilidade ou dificuldade de aprender *kanji* do que outras.

() Concordo plenamente () Concordo () Não concordo nem discordo () Discordo () Discordo completamente

5) A *internet* facilitou o contato *online* com o japonês nativo, mas não estimula a memorização do ideograma.

() Concordo plenamente () Concordo () Não concordo nem discordo () Discordo () Discordo completamente

6) Minha frustração é maior quando não consigo ler um *kanji* do que quando não consigo compreender uma determinada estrutura gramatical ou expressão idiomática.

() Concordo plenamente () Concordo () Não concordo nem discordo () Discordo () Discordo completamente

7) É mais fácil ler em japonês do que escrever (manuscrito)

() Concordo plenamente () Concordo () Não concordo nem discordo () Discordo () Discordo completamente

8) É mais fácil ler e escrever em japonês do que falar e entender.

() Concordo plenamente () Concordo () Não concordo nem discordo () Discordo () Discordo completamente

9) Deveriam existir, no curso, aulas voltadas exclusivamente ao ensino de *kanji*.

☐ Concordo plenamente ☐ Concordo ☐ Não concordo nem discordo ☐ Discordo ☐ Discordo completamente

10) A partir de certo nível nos estudos de japonês, aprendizagem de *kanji* é totalmente individual.

☐ Concordo plenamente ☐ Concordo ☐ Não concordo nem discordo ☐ Discordo ☐ Discordo completamente

11) É possível aprender *kanji* somente com a leitura constante de textos de diversos tipos.

☐ Concordo plenamente ☐ Concordo ☐ Não concordo nem discordo ☐ Discordo ☐ Discordo completamente

12) A repetição **não** é a melhor maneira de estudar *kanji*.

☐ Concordo plenamente ☐ Concordo ☐ Não concordo nem discordo ☐ Discordo ☐ Discordo completamente

13) Você se sente estagnado na aprendizagem dos *kanji*?

☐ Concordo plenamente ☐ Concordo ☐ Não concordo nem discordo ☐ Discordo ☐ Discordo completamente

14) A dificuldade de aprendizagem dos *kanji* é individual e inata.

☐ Concordo plenamente ☐ Concordo ☐ Não concordo nem discordo ☐ Discordo ☐ Discordo completamente

15) A idade que se inicia a aprendizagem dos *kanji* tem relação direta com o rendimento dos estudos.

☐ Concordo plenamente ☐ Concordo ☐ Não concordo nem discordo ☐ Discordo ☐ Discordo completamente

APÊNDICE D

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

(I – Sobre as experiências de aprendizagem de *kanji*)

1. Como você estudou/estuda os *kanji*?

(II – Sobre opiniões e crenças a respeito da aprendizagem dos *kanji*)

2. Você gosta de (estudar) *kanji*? Por quê?
3. Você acha importante aprender *kanji*? Por quê?
4. De 0 ~ 10, como você se classificaria em grau de dificuldade/facilidade em relação aos *kanji*?
5. Para você, qual seria a palavra-chave para resumir a aprendizagem dos *kanji*?

(III – Sobre as técnicas de aprender *kanji*)

6. Em média, quanto tempo por dia (ou por semana) você estuda os *kanji*?
7. Você tem alguma técnica específica ou material didático específico que prefere utilizar para a aprendizagem dos *kanji*?
8. O que você faz quando não sabe ler um *kanji*?
9. Você acha que os aparelhos eletrônicos podem ser uma “zona de conforto” da aprendizagem dos *kanji*?